

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DIANE TEIXEIRA

Por que as mulheres ainda se casam?
Uma análise sociológica da relevância do casamento na contemporaneidade

Uberlândia
2023

Diane Teixeira

Por que as mulheres ainda se casam?
Uma análise sociológica da relevância do casamento na contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Túlio Cunha Rossi

Uberlândia

2023

Diane Teixeira

Por que as mulheres ainda se casam?

Uma análise sociológica da relevância do casamento na contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Túlio Cunha Rossi

Uberlândia, 29 de novembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Túlio Cunha Rossi (presidente)

Prof. Dra. Maria Lúcia Vannuchi (UFU)

Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza (UFU)

Dedico este trabalho a mim, por não desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Túlio, principalmente por aceitar o desafio de me orientar, mesmo com um prazo tão curto. Agradeço pela orientação e apoio dedicados ao longo deste trabalho. Sua orientação valiosa foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço o incentivo, a motivação, a disponibilidade e prontidão de sempre.

Agradeço ao Instituto de Ciências Sociais (INCIS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) por proporcionar um ambiente acadêmico estimulante e recursos essenciais para a realização deste trabalho. Agradeço à coordenação do curso por sua dedicação em fornecer uma educação de qualidade, além do apoio e incentivo oferecidos aos alunos ao longo deste processo. Um agradecimento especial ao querido Lola, por sempre estar disponível para esclarecer minhas dúvidas e solicitações.

Ao professor Márcio e a professora Malu, membros da banca examinadora, meu profundo agradecimento pela disponibilidade em analisar este trabalho. Valorizo profundamente a oportunidade de submeter meu trabalho à avaliação de uma banca tão qualificada.

Agradeço especialmente ao meu amado marido João Paulo por seu apoio inabalável e compreensão durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Sua paciência, incentivo e apoio emocional foram fundamentais para que eu pudesse me dedicar a esta jornada acadêmica. Seu constante encorajamento, compreensão nos momentos de pressão e seu amor foram um verdadeiro alicerce neste percurso desafiador. Agradeço por ser meu porto seguro, por compreender minhas ausências e por celebrar cada conquista, grande ou pequena, ao meu lado. Este trabalho não teria sido possível sem sua presença constante. Sou profundamente grata por ter você como meu parceiro, e suas palavras de incentivo foram a motivação que me impulsionou a seguir em frente, especialmente nos momentos mais desafiadores. Você acreditou em mim primeiro, jamais esquecerei.

Gratidão à minha querida amiga Thalia. Ao longo deste percurso acadêmico, você não só foi uma colega de curso excepcional, mas também se tornou minha principal confidente em meio às inseguranças e desafios que enfrentei. Sua presença solidária e seu apoio constante foram verdadeiramente inestimáveis. Nos momentos de dúvida e insegurança, você foi um ombro amigo, sempre disposta a ouvir minhas preocupações acadêmicas, compartilhar suas experiências e oferecer conselhos valiosos. Suas sugestões durante os momentos mais desafiadores desta jornada foram cruciais para a conclusão deste trabalho.

Amigas Amanda e Isabelle, suas palavras de estímulo sempre vieram na hora certa, trazendo ânimo nos momentos em que eu mais precisava. O apoio e a presença foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Obrigada por serem uma base sólida. Durante todo o tempo, vocês foram fonte de encorajamento e suporte, desempenhando papel essencial na minha trajetória.

Ao meu irmão Davidson e cunhada Tassiane, agradeço por serem fontes de alegria. Suas palavras de estímulo e seu apoio constante foram uma bênção durante os momentos desafiadores deste processo. Vocês foram meu pilar emocional indispensável.

Aos meus pais, Dalva e Josias, agradeço por serem os pilares que sustentaram minha educação desde o início. Seu apoio emocional, encorajamento e fé em mim foram a força motriz por trás de cada passo que dei nesta jornada.

Devemos ter coragem para aprender com o passado e trabalhar por um futuro em que princípios feministas serão o suporte para todos os aspectos de nossa vida pública e privada.

(hooks, 2018, p. 167)

RESUMO

O presente estudo discute a permanência do casamento na sociedade contemporânea, com foco nas razões que levam as mulheres a escolherem essa forma de relacionamento. A pesquisa se baseia em análises sociológicas de diversos autores como Bauman, Giddens, Scott, Haraway, Federici e Butler, explorando os contextos sociais e culturais que influenciam essa decisão. Busca-se compreender os fatores que afetam a escolha do casamento, incluindo pressões sociais, normas de gênero e expectativas familiares e sociais. Por meio de métodos qualitativos, como entrevistas e análises de discurso, os resultados revelam uma diversidade de perspectivas das mulheres sobre o casamento, abordando temas como liberdade, compromisso e expectativas. Conclui-se que a relevância contínua do casamento é moldada por uma interação complexa entre elementos culturais e sociais, refletindo as múltiplas motivações e significados atribuídos a essa instituição.

Palavras-chave: casamento; mulheres; gênero; patriarcado.

ABSTRACT

The present study discusses the permanence of marriage in contemporary society, focusing on the reasons that lead women to choose this form of relationship. The research is based on sociological analyses by several authors such as Bauman, Giddens, Scott, Haraway, Federici and Butler, exploring the social and cultural contexts that influence this decision. We seek to understand the factors that affect the choice of marriage, including social pressures, gender norms, and family and social expectations. Through qualitative methods, such as interviews and discourse analysis, the results reveal a diversity of women's perspectives on marriage, addressing topics such as freedom, commitment and expectations. It is concluded that the continued relevance of marriage is shaped by a complex interaction between cultural and social elements, reflecting the multiple motivations and meanings attributed to this institution.

Keywords: marriage; women; gender; patriarchy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. GÊNERO E PATRIARCADO	13
CAPÍTULO 2. CASAMENTO E RELAÇÕES AFETIVAS NA MODERNIDADE	24
CAPÍTULO 3. AMOR E CASAMENTO NA PERSPECTIVA DE QUATRO MULHERES	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
Referências	50
Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	52
Anexo II – Roteiro de Entrevistas	54

INTRODUÇÃO

A leitura do livro *Tudo Sobre o Amor* de bell hooks (2000) instigou meu interesse em investigar o fenômeno do amor a partir de uma abordagem sociológica. A partir de então, me debrucei em leituras que permeiam essa temática. Em sua tese, Rossi (2013), que orientou essa pesquisa, cita que “Abordar sociologicamente o amor, esbarra constantemente em problemas conceituais atribuídos ao termo” (Rossi, 2013, p.19). Enquanto pesquisava sobre esses conceitos, me deparei com uma citação de Gucht (1994), dizendo que o amor se tornou a religião dos tempos modernos, sendo por meio dele e de suas diversas manifestações que se busca a felicidade, a individualidade, a autonomia pessoal e o desenvolvimento moral. Foi quando me lembrei que para hooks (2000), o amor não é apenas um sentimento romântico, mas sim uma prática, uma ação diária que demanda esforço e comprometimento. Ela destaca a importância de entender o amor para além das narrativas tradicionais, questionando como as estruturas sociais, como o racismo, o sexismo e o patriarcado, impactam as experiências de amor. Considerando isso e percebendo a realidade ao meu redor, um incômodo me acometeu, gerando algumas perguntas: como o amor está sendo experienciado pelas mulheres diante dessas estruturas? É o amor que explica as mulheres seguirem escolhendo estar em uma configuração que parece apenas as desfavorecer (o casamento)? Por que as mulheres ainda se casam?

Portanto, nessa pesquisa, não falaremos sobre o amor. Com o intuito de explorar a problemática relacionada às razões que levam as mulheres a escolherem o casamento, o objetivo deste estudo é analisar os diversos fatores e influências que contribuem para tal decisão. O casamento, como instituição social, regulamenta relações afetivas, econômicas e familiares, sendo uma expressão de valores e identidades. Analisar os motivos que levam as mulheres a essa escolha permite compreender mudanças nas expectativas, papéis de gênero e tensões entre normas sociais e escolhas individuais. A relevância dessa pesquisa reside na compreensão das dinâmicas de poder, gênero e relações sociais que permeiam a instituição do casamento. A análise das motivações para o casamento permite desafiar e explorar construções sociais relacionadas a normas patriarcais, expectativas culturais e pressões sociais. Tal abordagem contribui para uma reflexão crítica sobre as estruturas que influenciam as decisões das mulheres, enriquecendo o entendimento sobre relações humanas e desigualdades de gênero.

A justificativa deste estudo reside na importância de compreender as dinâmicas sociais, culturais e individuais que influenciam a escolha do casamento, especialmente no contexto feminino, considerando as transformações sociais e culturais que permeiam a contemporaneidade. O objetivo geral é analisar criticamente as razões subjacentes à escolha do casamento pelas mulheres, enquanto os objetivos específicos incluem a identificação de normas de gênero e expectativas culturais que impactam essa escolha. Esta pesquisa foi embasada em contribuições de diversos autores renomados, cujas obras exploram as transformações nas relações humanas e sociais na contemporaneidade. No âmbito das questões de gênero, teóricas como Judith Butler (2018), Donna Haraway (2004) e Joan Scott (1995) ofereceram reflexões sobre a construção social do gênero, o patriarcado e a condição feminina na sociedade. Autores como Zygmunt Bauman (2001) e Anthony Giddens (1991) abordaram as mudanças na intimidade e nas relações afetivas, refletindo sobre os impactos da modernidade nessas esferas. Considerando a relevância destacada por Minayo (1994) sobre a pesquisa semi estruturada, especialmente no contexto das entrevistas como uma ferramenta essencial na investigação científica, optei por este método para essa pesquisa. Portanto, a metodologia adotada baseia-se em abordagens qualitativas, contemplando entrevistas e pesquisa bibliográfica.

O presente trabalho está estruturado da seguinte maneira: O Capítulo 1 introduz e explora os conceitos de gênero, patriarcado e suas conexões com o casamento. O Capítulo 2 discorre sobre o contexto atual da modernidade e suas influências nas escolhas matrimoniais. No Capítulo 3, serão apresentados e analisados trechos significativos das entrevistas realizadas. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

CAPÍTULO 1. GÊNERO E PATRIARCADO

Em um sábado, Helena retornou para casa após uma semana exaustiva de trabalho. Ansiava por encontrar tudo em ordem, pois Robson, seu marido, prometera cuidar das tarefas domésticas. No entanto, ao abrir a porta, o encontrou profundamente adormecido no sofá, nenhum compromisso cumprido. O cansaço a envolveu ainda mais, junto com a fome e o desejo por um descanso merecido. Apesar do descaso de Robson, Helena estendeu a roupa, preparou o almoço e o acordou com um misto de irritação e exaustão. Não houve desculpas da parte dele, nenhum reconhecimento do cansaço que ela carregava. A casa, ainda que temporariamente em ordem, refletia a falta de consideração que Helena enfrentava repetidamente. O aroma do almoço tardio preenchia a casa enquanto Helena, cansada e faminta, seguia enfrentando a rotina. A exaustão e a decepção eram pesos constantes que ela carregava, sabendo que mesmo sendo sábado, ainda tinha que se preparar para mais um turno no segundo emprego. A vida tinha que seguir.

Esse é um relato fictício, mas que retrata uma cena corriqueira na vida de muitas mulheres. A ONG Think Olga (2023)¹ divulgou uma pesquisa intitulada “Esgotadas”, realizada com 1.078 mulheres, de 18 a 65 anos, em todos os estados do Brasil, com dados sobre a saúde mental das mulheres, e entre muitos dados, destaca-se que 7 em cada 10 mulheres já foram diagnosticadas com depressão ou ansiedade, mesmo antes da Pandemia da Covid 19. Em 2023, ano da pesquisa e ano em que a Organização Mundial da Saúde decretou o fim da emergência sanitária global, esse quadro piorou. A pesquisa busca entender o que está levando ao adoecimento das mulheres, e o motivo é o que dá o título à pesquisa: as mulheres estão esgotadas.

Inúmeros estudos já identificaram que desvantagens sociais associadas ao gênero feminino, como a maior exposição à violência doméstica e sexual, oportunidades educacionais e de emprego limitadas e mais responsabilidades de cuidado, podem contribuir para o aumento do risco de transtornos mentais entre as mulheres. A própria OMS reconhece a influência das disparidades de gênero na saúde mental. (THINK OLGA. Esgotadas, p.20)

¹ THINK OLGA. **Esgotadas**: o empobrecimento, sobrecarga de cuidado e o sofrimento psíquico das mulheres. São Paulo: Think Olga, 2023. Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/esgotadas/>. Acesso em 16 nov. 2023.

As nuances das relações entre homens e mulheres, permeadas por desigualdades, dominação e exploração, encontram no conceito de patriarcado um arcabouço teórico que lança luz sobre as estruturas sociais profundamente enraizadas. Ao mergulhar nas intrincadas teias das relações de poder, é possível vislumbrar como o patriarcado não apenas legitima, mas também instrumentaliza as disparidades de gênero.

A historiadora Gerda Lerner (2019), de origem austríaca, informa que "O período do 'estabelecimento do patriarcado' não foi um 'evento', mas um processo que se desenrolou durante um espaço de tempo de quase 2.500 anos, de cerca de 3100 a 600 a.C." (Lerner, 2019, p.29). A transição para sociedades agrárias e urbanas trouxe consigo o desenvolvimento da propriedade privada, concentrando o poder nas mãos de grupos liderados por homens. O surgimento de sistemas religiosos patriarcais legitimou hierarquias de gênero, enquanto códigos legais formalizaram a subordinação das mulheres em áreas como propriedade e casamento. A divisão rígida do trabalho associou homens ao trabalho remunerado e mulheres ao doméstico. A institucionalização do casamento, guiada por interesses econômicos e políticos, reforçou a visão das mulheres como propriedade. Essas mudanças interconectadas, ao longo de séculos, moldaram estruturas sociais, econômicas e políticas, estabelecendo a supremacia masculina e subjugando as mulheres em uma evolução gradual, não um evento isolado. É disso que falarei a seguir.

Heleieth Saffioti (1987), socióloga brasileira de destaque, contribuiu significativamente para a compreensão das relações de gênero e do patriarcado no contexto sociocultural brasileiro. Saffioti (1987) aborda questões cruciais relacionadas à dinâmica familiar, analisando como a estrutura patriarcal se manifesta nas relações entre homens e mulheres. Ao explorar os elementos que unem a família, Saffioti destaca a dependência financeira, emocional e os padrões de dominação presentes nas relações entre os membros familiares. A compreensão de suas perspectivas é essencial para examinar criticamente o papel do patriarcado na organização social e nas interações familiares.

Quais são os elementos que unem a família? A dependência financeira, a dependência emocional, os sentimentos de culpa, as cumplicidades estabelecidas entre uns contra outros, as chantagens, constituem traços de união em geral muito mais fortes do que os laços de amor, de carinho, de solidariedade. E por que são estes, muito mais que os afetivos, os laços que unem os membros da família? Porque homem e mulher não são socialmente iguais, não gozam, na prática, dos mesmos direitos. O homem domina a mulher, que, por sua vez, domina os filhos, ameaçando-os ainda com a autoridade paterna. (Saffioti, 1987, p.38-39)

Ao adentrar nas considerações de Saffioti (1987) sobre os elementos que unem a família, fui instigada a explorar as raízes mais profundas da dinâmica de poder de gênero enraizada no tecido social. Ao evidenciar que os laços financeiros, emocionais e as cumplicidades entre os membros familiares muitas vezes superam os laços afetivos, Saffioti enfatiza as implicações da desigualdade de gênero na esfera privada. Esses laços, mais do que expressões de amor e solidariedade, são moldados por relações assimétricas entre homens e mulheres, onde as mulheres, embora possuam o papel central na subsistência familiar, enfrentam a submissão e a dependência. É necessário compreender as complexidades que desvelam a intrincada teia de dominação ideológica e exploração econômica que caracteriza o patriarcado. Dessa forma, ao examinar as relações familiares à luz das contribuições de Saffioti, é possível notar não apenas as amarras que conectam seus membros, mas também os fios invisíveis do patriarcado que tecem as interações cotidianas. Portanto, ela define que:

Pode-se concluir que o patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração. Enquanto a dominação pode, para efeitos de análise, ser situada essencialmente nos campos político e ideológico, a exploração diz respeito diretamente ao terreno econômico. (Saffioti, 1987, p.50)

Ela compreende o patriarcado como um sistema social que envolve não apenas a subordinação das mulheres em termos de poder e controle, mas também a exploração econômica das mulheres pelos homens. Reconhece que a dominação de gênero é uma parte fundamental do patriarcado, com a ideologia machista desempenhando um papel importante na legitimação das hierarquias de gênero. No entanto, ela vai além desse aspecto e destaca que o patriarcado também tem profundas raízes econômicas.

No contexto do patriarcado, a exploração econômica das mulheres está relacionada à divisão tradicional do trabalho, na qual as mulheres muitas vezes desempenham papéis fundamentais na reprodução e na manutenção da força de trabalho, mas frequentemente têm acesso limitado aos recursos econômicos e aos benefícios do trabalho que realizam. Isso significa que, enquanto as mulheres desempenham um papel crucial na produção e reprodução da força de trabalho, têm menos controle sobre os recursos e os frutos desse trabalho. Isso perpetua uma desigualdade econômica de gênero, onde as mulheres são exploradas em seu trabalho não remunerado e têm menos poder econômico e autonomia.

Essa exploração econômica das mulheres no âmbito doméstico e na esfera produtiva é uma característica central do patriarcado. Saffioti argumenta que o patriarcado não pode ser

dissociado da exploração econômica, uma vez que a dominação política e ideológica muitas vezes se traduz em relações econômicas desiguais. O controle sobre os recursos, a divisão do trabalho e a distribuição desigual de poder econômico são mecanismos pelos quais o patriarcado se perpetua e se sustenta pela violência simbólica e física contra as mulheres, mantendo-as em situação de medo e submissão.

Ela afirma que “O capitalismo é incompatível com a igualdade social” (Saffioti, 1987, p.40) e oferece uma análise profunda sobre a interseção entre o sistema capitalista, as estruturas sociais e as relações de gênero. Destaca que o foco na atividade de trabalho é o fio condutor da análise que revela a centralidade da dimensão na compreensão da posição social das mulheres em sociedades competitivas.

Em suas realizações históricas o sistema capitalista tem-se revelado bastante maleável, permitindo e mesmo estimulando mudanças institucionais às quais se opunham à tradição e o estilo de vida, como, por exemplo, na família. Entretanto, a elasticidade que o sistema capitalista de produção imprime às soluções para os problemas que gera encontra sério limite no próprio capital. Cabe, pois, indagar se à mulher, enquanto membro da categoria de sexo sempre dependente e submissa, o sistema em questão chegaria a oferecer plenas possibilidades de integração social. A determinação renovada da força de trabalho do produtor imediato como mercadoria constitui o melhor índice de sua integração na sociedade de classes. (Saffioti, 1976, p.30-31)

Nas camadas sociais envolvidas na produção de bens e serviços, as mulheres historicamente desempenharam funções econômicas essenciais, contribuindo tanto para a subsistência familiar quanto para a criação de riqueza social. No entanto, com a ascensão do capitalismo, a mulher se viu confrontada com condições adversas.

O aparecimento do capitalismo se dá, pois, em condições extremamente adversas à mulher. No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, a mulher contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção. (Saffioti, 1976, p.35)

A autora não apenas aponta para a centralidade do trabalho na compreensão da posição social das mulheres, mas também desvela as nuances das condições adversas que surgem com a ascensão do capitalismo. A subvalorização tradicional das capacidades femininas, perpetuada por mitos que fundamentam a supremacia masculina, é apenas o prelúdio da

desvantagem social que se desenha no plano estrutural. A marginalização progressiva das mulheres nas funções produtivas, associada à individualização proposta pelo modo de produção capitalista, lança um olhar crítico sobre como a periferização das mulheres no sistema de produção perpetua desigualdades de gênero. Dessa forma, a análise de Saffioti não apenas destaca a importância do trabalho na estrutura social, mas também revela a interação complexa entre as construções sociais de gênero e os mecanismos econômicos que moldam as relações sociais.

Silvia Federici (2017), em paralelo Saffioti, lança luz sobre a exploração das mulheres, expandindo o escopo ao investigar as conexões entre o advento do capitalismo e a perseguição às mulheres como bruxas durante a Idade Média. A autora examina como a caça às bruxas foi uma estratégia crucial para impor relações sociais patriarcais e estabelecer uma ordem capitalista. Suas análises enriquecem o panorama ao destacar as dimensões econômicas, políticas e culturais que moldaram a subordinação das mulheres ao longo da história. Assim, a interseção entre as perspectivas de Saffioti e Federici promete uma compreensão mais profunda das intrincadas teias que envolvem a opressão de gênero no contexto do sistema capitalista.

A caça às bruxas aparece raramente na história do proletariado. Até hoje, continua sendo um dos fenômenos menos estudados na história da Europa ou, talvez, da história mundial, se consideramos que a acusação de adoração ao demônio foi levada ao Novo Mundo pelos missionários e conquistadores como uma ferramenta para a subjugação das populações locais. O fato de que a maior parte das vítimas na Europa tenham sido mulheres camponesas talvez possa explicar o motivo da indiferença dos historiadores com relação a tal genocídio; uma indiferença que beira a cumplicidade, já que a eliminação das bruxas das páginas da história contribuiu para banalizar sua eliminação física na fogueira, sugerindo que foi um fenômeno com um significado menor, quando não uma questão de folclore. (Federici, 2017, p.290)

O argumento central de Federici (2017) é a interconexão entre a caça às bruxas na Europa do início da era moderna e o surgimento do capitalismo. Ela argumenta que a perseguição às mulheres acusadas de bruxaria não foi um fenômeno isolado, mas sim uma estratégia fundamental para a acumulação primitiva de capital. Destaca que a caça às bruxas não foi apenas uma expressão da misoginia, mas também uma repressão organizada às práticas comunitárias e conhecimentos tradicionais, visando despojar as mulheres de sua autonomia econômica e reforçar as estruturas patriarcais.

Foi somente com o advento do movimento feminista que o fenômeno da caça às bruxas emergiu da clandestinidade a que foi confinado, graças à identificação das feministas com as bruxas, que logo foram adotadas como símbolo da revolta feminina. [...] As feministas reconheceram rapidamente que centenas de milhares de mulheres não poderiam ter sido massacradas e submetidas às torturas mais cruéis se não tivessem proposto um desafio à estrutura de poder. Também se deram conta de que essa guerra contra as mulheres, que se manteve durante um período de pelo menos dois séculos, constituiu um ponto decisivo na história das mulheres na Europa, o “pecado original” no processo de degradação social que as mulheres sofreram com a chegada do capitalismo, o que o conforma, portanto, como um fenômeno ao qual devemos retornar de forma reiterada se quisermos compreender a misoginia que ainda caracteriza a prática institucional e as relações entre homens e mulheres. (Federici, 2017, p.291-292)

Ela enfatiza a ativa resistência das mulheres durante o movimento de caça às bruxas, rejeitando uma visão passiva de vítimas diante da opressão. No entanto, essa resistência não foi suficiente para deter a perseguição e muitas vezes resultou em acusações de bruxaria e perseguições. Argumenta que essa compreensão é crucial para analisar a persistência da exploração e desigualdade de gênero na sociedade contemporânea, demonstrando que as mulheres não se resignaram à opressão, mas resistiram ativamente, mesmo enfrentando graves consequências por desafiar as estruturas de poder estabelecidas.

Se consideramos o contexto histórico no qual se produziu a caça às bruxas, o gênero e a classe das acusadas, bem como os efeitos da perseguição, podemos concluir que a caça às bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e contra o poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e de sua capacidade de cura. A caça às bruxas foi também instrumento da construção de uma nova ordem patriarcal em que os corpos das mulheres, seu trabalho e seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do Estado e transformados em recursos econômicos. O que quer dizer que os caçadores de bruxas estavam menos interessados no castigo de qualquer transgressão específica do que na eliminação de formas generalizadas de comportamento feminino — que já não toleravam e que tinham que se tornar abomináveis aos olhos da população. (Federici, 2017, p.305-306)

Além disso, ao associar as bruxas a práticas subversivas e formas alternativas de organização social, a autora argumenta que a caça às bruxas desempenhou um papel crucial na criação das condições para o capitalismo emergente. O dismantelamento das comunidades autossustentáveis, a supressão do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais e métodos contraceptivos, e a imposição de um controle rigoroso sobre o corpo das mulheres são elementos que, segundo ela, contribuíram para a consolidação do capitalismo. Dessa forma, ela oferece uma análise interdisciplinar que entrelaça a história social, econômica e de

gênero, propondo uma compreensão mais ampla das raízes do capitalismo e das estruturas de poder que moldaram a sociedade europeia na transição para a era moderna.

As teorias de Federici lançam luz sobre a questão da violência contra as mulheres, estabelecendo conexões entre o histórico de subjugação feminina e a violência estrutural presente na sociedade contemporânea. A perseguição histórica às mulheres como bruxas durante a Idade Média, discutida por Federici, revela não apenas uma opressão específica, mas um sistema de controle sobre os corpos, sexualidade e autonomia feminina. Esses padrões de opressão e violência contra as mulheres persistem até os dias atuais, como evidenciado pelos dados alarmantes do Atlas da Violência 2022².

O aumento na taxa de feminicídios no ambiente residencial, bem como a estatística que aponta que mais de 80% dos casos de estupro envolvem mulheres, reforçam a continuidade da violência de gênero³ ao longo do tempo. Além disso, os dados que indicam a redução da violência urbana em contraste com o aumento da violência doméstica são coerentes com a análise de Federici sobre o controle dos corpos femininos como um recurso econômico.

A compreensão das raízes históricas da opressão feminina e a continuidade desses padrões na contemporaneidade, destacadas por Federici, permitem uma conexão direta com os números apresentados. Tanto as estatísticas de feminicídios como os casos de estupro refletem a persistência de estruturas de poder que buscam subjugar as mulheres, controlar seus corpos e limitar sua autonomia, aspectos que remontam aos períodos históricos abordados por Federici em sua análise sobre a perseguição às bruxas.

Ao explorar a intrincada rede do patriarcado, é crucial estabelecer uma ligação intrínseca com a dimensão de gênero. Dessa forma, a compreensão do patriarcado como um sistema que transcende o âmbito individual, permeando as estruturas sociais e moldando a experiência coletiva, entrelaça-se organicamente com a análise das dinâmicas de gênero. Até este ponto, direcionei meu foco para o sistema de poder conhecido como patriarcado, interpretando-o como um intrincado mecanismo de controle e dominação que permeia as

² IPEA; FBSP. **Atlas da Violência 2022**. Brasília: Ipea; São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/244/atlas-2022-infograficos>. Acesso em: 17 nov. 2023.

³ É crucial distinguir "violência de gênero" e "violência doméstica". Violência de gênero refere-se a diversas formas de violência baseadas em percepções sociais de gênero, ocorrendo em várias esferas sociais. Por outro lado, a violência doméstica é restrita a abusos entre membros da mesma família ou relações íntimas, ocorrendo no ambiente doméstico. Enquanto a violência doméstica está contida na violência de gênero, esta última abrange uma gama mais ampla de contextos sociais.

estruturas sociais, exercendo influência significativa na configuração das relações de gênero. Agora, destacarei a complexidade das relações de poder no contexto de gênero, ressaltando a natureza intrínseca do poder nas relações sociais e nas construções identitárias.

A seguir, apresento as definições de Joan Scott (1995), Donna Haraway (2004) e Judith Butler (2018). Para Haraway, gênero é um conceito que contesta a naturalização da diferença sexual em vários campos de luta, revelando as relações de poder e saber que constituem a identidade e a experiência dos sujeitos.

A teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais “homens” e “mulheres” são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo. Já que o conceito de gênero está tão intimamente ligado à distinção ocidental entre natureza e sociedade ou natureza e história, via a distinção entre sexo e gênero, a relação das teorias feministas de gênero com o marxismo está vinculada à sorte dos conceitos de natureza e trabalho no cânone marxista e na teoria ocidental de modo mais geral. (Haraway, 2004, p.211 e 212)

Já para Scott, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma primária de significar as relações de poder.

Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (Scott, 1995, p.88)

Ambas as autoras defendem que gênero é uma categoria útil de análise histórica, permitindo compreender como as sociedades e as culturas produzem e reproduzem os sentidos e as práticas de masculinidade e feminilidade.

Haraway (2004), compartilha sua experiência ao escrever um verbete sobre gênero para um projeto editorial alemão, que visava atualizar e complementar o Dicionário Crítico do Marxismo. Ela relata as dificuldades e os desafios de definir gênero em um contexto marcado por diversas correntes e debates teóricos, abrangendo questões como a relação entre sexo e gênero, a distinção entre natureza e cultura, a articulação entre classe e raça, a influência da psicanálise e da literatura, e a emergência dos novos movimentos sociais, como o feminismo, o ecologismo e o pacifismo. Haraway propõe uma definição de gênero que busca incorporar as contribuições dessas diferentes perspectivas, sem perder de vista a dimensão materialista e histórica da análise. Ela afirma que gênero é um saber produzido pelas culturas e sociedades

sobre as relações humanas e um modo de ordenar o mundo. Além disso, destaca que gênero é uma forma de intervenção política, visando desnaturalizar e desestabilizar as categorias e as hierarquias que sustentam as desigualdades e as opressões baseadas no sexo.

Scott (1995) realiza uma revisão crítica da trajetória do conceito de gênero na historiografia e na teoria social, propondo uma nova abordagem para o seu uso. Ela argumenta que gênero é uma categoria analítica que permite examinar como as relações sociais entre os sexos são construídas e transformadas ao longo do tempo, afetando e sendo afetadas por outras dimensões da vida social, como a economia, a política, a cultura e a religião. Scott também argumenta que gênero é uma forma de discurso, que produz efeitos de sentido sobre a identidade, o corpo, a sexualidade e o poder. Ela sugere que gênero é composto por dois elementos inter-relacionados: o gênero como norma, que estabelece os significados culturalmente aceitos para a diferença sexual, e o gênero como representação, que expressa os símbolos, as imagens, os conceitos e as narrativas que articulam o sentido do gênero em cada contexto histórico.

Portanto, podemos perceber que Haraway (2004) e Scott (1995) definem gênero como uma categoria que não se refere a uma essência ou a uma característica fixa dos indivíduos, mas sim a uma construção social e histórica, que envolve relações de poder e saber, sujeita a mudanças e contestações. Ambas as autoras enfatizam a importância de analisar gênero em sua articulação com outras categorias, como classe, raça, etnia, sexualidade, etc., que também são formas de organizar e significar as diferenças humanas.

O conceito de gênero como saber, proposto por Haraway (2004), direciona nossa atenção para como ciências, tecnologias, religiões e artes têm moldado e perpetuado compreensões sobre a diferença sexual e relações familiares em diferentes contextos temporais e espaciais. A análise desses saberes nos permite examinar como têm sido contestados ou reforçados por movimentos sociais, políticos e culturais, que, por sua vez, têm buscado reformular ou preservar as normas e valores que regem a família e o gênero.

Por outro lado, o conceito de gênero como norma, proposto por Scott (1995), concentra-se na análise de como leis, instituições, políticas e práticas sociais têm estabelecido e regulado padrões de comportamento e conduta esperados para homens e mulheres em contextos históricos diversos. Essas normas, seja por imposição ou negociação, têm influenciado os sujeitos, que enfrentaram as consequências e resistências emergentes no âmbito familiar e na esfera pública.

Finalmente, o conceito de gênero como representação explora como linguagens, narrativas, imagens e símbolos têm expressado e construído os significados e as identidades de gênero em diversas culturas e sociedades. Essas representações foram moldadas ou reinterpretadas pelos indivíduos, que se viram desafiados a posicionar-se e comunicar-se diante das expectativas e demandas impostas por essas representações em suas vidas familiares e sociais.

Por sua vez, Butler (2018) centraliza sua ideia de que o gênero não é algo que alguém tem, mas sim algo que alguém faz. Em outras palavras, a identidade de gênero é uma performance, uma série de ações repetidas e ritualizadas que constroem a ilusão de uma identidade estável e coerente. Essa constante performance de papéis de gênero contribui para a sensação de continuidade e consistência na identidade de gênero de uma pessoa.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (Butler, 2018, p.22)

Neste trecho, ela oferece uma análise provocativa da relação entre sexo e gênero, criticando a concepção que vê o gênero como uma mera interpretação cultural do sexo. Butler argumenta que o próprio sexo é uma categoria moldada pelo gênero. Esta perspectiva se alinha com abordagens sociológicas que enfatizam a construção social do gênero, rejeitando a ideia de que as identidades de gênero são inatas.

A autora desafia a distinção tradicional entre natureza e cultura, propondo que o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza. Essa crítica ressoa com debates sociológicos mais amplos sobre a interconexão entre biologia e cultura, sugerindo que a relação entre sexo e gênero é mais complexa do que uma simples dicotomia pode capturar.

A ideia sobre a performatividade de gênero destaca como o gênero não é apenas uma camada cultural sobreposta ao sexo, mas sim um "aparato de produção" que contribui para estabelecer as próprias categorias de sexo. Essa abordagem enfatiza como as práticas sociais diárias desempenham um papel crucial na criação e reforço das normas de gênero. Ao contestar a noção de que o sexo é uma "superfície politicamente neutra", sugere que a ideia de um sexo natural é uma construção discursiva.

Se o gênero ou o sexo são fixos ou livres, é função de um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero. O *locus* de intratabilidade, tanto na noção de “sexo” como na de “gênero”, bem como no próprio significado da noção de “construção”, fornece indicações sobre as possibilidades culturais que podem e não podem ser mobilizadas por meio de quaisquer análises posteriores. Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero. (Butler, 2018, p.24)

Butler argumenta que os limites da análise discursiva do gênero são predefinidos por um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Essa imposição binária, segundo a autora, não apenas delinea as fronteiras da experiência discursiva do gênero, mas também introduz coerção ao restringir o que é considerado imaginável no âmbito do gênero.

Em conjunto, essas abordagens convergem ao enfatizar a natureza dinâmica e historicamente situada do gênero, influenciada por sistemas de poder, instituições sociais e práticas discursivas. Ao analisar a interseção entre sexo, poder e cultura, essas autoras oferecem perspectivas cruciais para a compreensão sociológica das complexidades inerentes ao fenômeno do gênero.

O processo histórico, marcado pela transição para a era moderna, está intrinsecamente ligado à ascensão do capitalismo e às estruturas de poder que o moldaram. A modernização, surgida nos países europeus ocidentais devido às revoluções burguesas, à Revolução Industrial e ao Iluminismo, trouxe consigo elementos-chave como o desenvolvimento do capitalismo, do Estado-nação, da democracia liberal, da ciência moderna e da cultura secular. Dessa maneira, é possível estabelecer uma conexão entre a modernização, os processos históricos da transição para a era moderna e as estruturas de poder que surgiram, sendo influenciados pela supressão das práticas sociais e de gênero durante a caça às bruxas. E é sobre esse processo histórico da modernização que falarei no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2. CASAMENTO E RELAÇÕES AFETIVAS NA MODERNIDADE

Anthony Giddens (1991) e Zygmunt Bauman (2001) compartilham uma análise crítica sobre a modernidade e suas implicações na sociedade contemporânea. Ambos os autores discutem as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais associadas à modernidade, e examinam como a modernidade afetou as estruturas sociais tradicionais e as relações humanas, provocando mudanças profundas na vida cotidiana e na percepção das pessoas sobre si mesmas e sobre o mundo.

É importante ressaltar que, ao traçar a trajetória da modernidade, ambos direcionam o olhar para uma fase mais recente que demarca uma transição do que pode ser considerado como o período tradicional da modernidade para um momento contemporâneo. Bauman (2001) concebe a era "sólida" como referente à fase inicial da modernidade, centrada na industrialização e na produção material. Nesse período, as estruturas sociais eram mais estáveis e as instituições mais definidas, refletindo a busca por uma ordem fixa e previsível. Era caracterizada por uma certa rigidez nas relações sociais, com foco na produção industrial e na consolidação das instituições.

Em contraste, Bauman (2001) propõe a ideia da "modernidade líquida" para representar um novo estágio, onde a ênfase recai na fluidez e na adaptabilidade. As estruturas sociais tornam-se mais voláteis, adaptando-se rapidamente a novas circunstâncias e desafios. Este estágio é caracterizado pela flexibilidade e pela ausência da estabilidade que marcava a fase sólida da modernidade.

Os autores apresentam diferenças e divergências em suas interpretações e diagnósticos sobre a modernidade e seus efeitos. Uma das principais divergências entre os dois está na perspectiva sobre a capacidade do indivíduo de agir e influenciar seu ambiente na modernidade. Giddens (1991) destaca a agência individual e a capacidade reflexiva como elementos-chave na construção de identidades em um mundo de mudanças sociais, enquanto Bauman (2001) tende a enfatizar mais a fragilidade dos indivíduos diante das estruturas instáveis da modernidade.

No âmbito das influências históricas da modernização, Giddens (1991) destaca a ascensão do capitalismo, a Revolução Industrial, o surgimento do Estado-nação, a expansão da racionalidade científica e a emergência da cultura secular como elementos-chave desse processo. Ele enfatiza a globalização, a urbanização e a disseminação da tecnologia como fatores que aceleraram e transformaram a vida social e a estrutura das instituições ao longo do

tempo. Sua discussão sobre a modernidade retrata um período de mudança social radical, onde a capacidade reflexiva dos indivíduos em relação à sua própria identidade e à sociedade moderna é destacada. Giddens também ressalta a capacidade dos indivíduos de moldar suas próprias identidades em um mundo moderno, onde a reflexividade e a busca por autonomia são consideradas centrais.

Por outro lado, Bauman (2001) descreve a transição de uma sociedade "sólida" para uma "líquida", e aponta a fluidez, a incerteza e a volatilidade da modernidade, argumentando que as instituições e estruturas sociais tornaram-se cada vez mais instáveis e imprevisíveis. Ele utiliza a metáfora da fluidez para descrever essa era, comparando-a à água, que não mantém uma forma fixa, mas se adapta a qualquer recipiente em que é colocada. Na modernidade líquida, as estruturas e as relações são flexíveis, adaptando-se rapidamente a novas circunstâncias e desafios. Bauman concentra-se na ideia de que a modernidade líquida gerou uma sociedade caracterizada pela falta de solidez e pela perda de referências fixas, o que pode causar insegurança e dificuldades na construção de identidades estáveis em um mundo em constante mudança.

Duas características, no entanto, fazem nossa situação — nossa forma de modernidade — nova e diferente. A primeira é o colapso gradual e o rápido declínio da antiga ilusão moderna: da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *telos* alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflitos em todos ou alguns de seus aspectos postulados: do firme equilíbrio entre oferta e procura e a satisfação de todas as necessidades; da ordem perfeita, em que tudo é colocado no lugar certo, nada que esteja deslocado persiste e nenhum lugar é posto em dúvida; das coisas humanas que se tornam totalmente transparentes porque se sabe tudo o que deve ser sabido; do completo domínio sobre o futuro — tão completo que põe fim a toda contingência, disputa, ambivalência e consequências imprevistas das iniciativas humanas. (Bauman, 2001, p.37)

Bauman (2001) descreve a ilusão inicial da modernidade como a busca por uma sociedade utópica, onde todas as necessidades são satisfeitas, as relações são totalmente transparentes, e o controle sobre o futuro é absoluto, eliminando qualquer vestígio de contingência ou imprevisibilidade. O autor enfatiza a incessante busca pela modernização como característica marcante da modernidade. Ele destaca que a sociedade contemporânea não é menos moderna do que no passado, mas a diferença reside no declínio da ilusão de um estado final ideal. Ressalta que a busca por uma sociedade perfeita, justa e sem conflitos é uma aspiração não realizada, e a sociedade moderna é caracterizada pela constante destruição

criativa ou criatividade destrutiva, na qual a busca pela produtividade e competitividade leva a uma contínua reformulação e reorganização das estruturas existentes.

Giddens (1991) oferece uma análise sobre a modernidade, ressaltando a centralidade da segurança ontológica no contexto das transformações sociais. Ele destaca a agência individual e a capacidade reflexiva como essenciais para a construção de identidades em um mundo caracterizado por mudanças sociais profundas. A segurança ontológica é um componente fundamental no tocante à confiança básica que os indivíduos têm em relação à ordem do mundo e à continuidade de suas experiências cotidianas. Ele explora como a capacidade de reflexão e ação dos indivíduos moldam suas identidades em um contexto de constante transformação social, enfatizando a importância da agência individual e da capacidade de prever e moldar o futuro.

A consciência prática é a âncora cognitiva e emocional da sensação de segurança ontológica característica de amplos segmentos da atividade humana em todas as culturas. A noção de segurança ontológica liga-se intimamente ao caráter tácito da consciência prática — ou, em termos fenomenológicos, ao "pôr entre parênteses" suposto pela "atitude natural" na vida cotidiana. Do outro lado do que poderiam parecer aspectos bem triviais da ação e do discurso cotidianos, o caos espreita. E esse caos não é só a desorganização, é também a perda do sentido da realidade mesma das coisas e das outras pessoas. (Giddens, 2002, p.40)

Nesse contexto, os indivíduos vivenciam uma crescente individualização, com um foco maior em suas próprias identidades e desejos, muitas vezes moldados pelo consumo. As relações amorosas, sob a influência da modernidade líquida, tornam-se mais frágeis e efêmeras. Isso ocorre porque a fluidez da modernidade não se limita apenas à esfera econômica, mas permeia todas as dimensões da vida, incluindo as relações interpessoais. A incerteza do futuro, a busca por gratificação imediata e a mentalidade de consumo contribuem para uma maior volatilidade nos laços amorosos. As relações tendem a ser menos duradouras, e a ideia de compromisso de longo prazo se torna menos atrativa para muitos.

Giddens (1992) aborda o tema da transformação das relações íntimas, salientando a transição do modelo tradicional de casamento para o modelo de relacionamento puro. Ressalta que "relacionamento puro não tem nada a ver com pureza sexual, sendo um conceito mais restritivo do que apenas descritivo. Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação" (Giddens, 1992, p.68). Os indivíduos buscam a satisfação emocional e afetiva em seus relacionamentos, baseando-se mais na busca de amor, desejo e realização pessoal do que em fatores externos como estabilidade econômica ou pressões

sociais. Nesse contexto, argumenta que as pessoas estão mais engajadas na construção ativa de seus relacionamentos na contemporaneidade, enfatizando a capacidade dos indivíduos de moldar suas próprias identidades dentro das relações íntimas. Essa perspectiva se assemelha à de Bauman (2004), ambos destacando a importância da busca pela satisfação pessoal e emocional nos relacionamentos, embora Bauman (2004) também explore a fluidez e fragilidade dessas relações na modernidade líquida. Ele argumenta que as relações humanas se tornaram mais fluidas, marcadas pela efemeridade e pela busca constante por novas experiências, dificultando a busca por relacionamentos sólidos e duradouros.

Complementando, Sofia Aboim (2006) aborda abrangentemente as transformações nas estruturas familiares durante o processo de modernização das sociedades ocidentais. Explorando tanto mudanças rápidas e evidentes quanto transformações lentas e sutilmente arraigadas, a autora fornece uma análise sociológica que vai além do escopo tradicional da sociologia familiar. Ela encara a família como um objeto multifacetado de discussão, capaz de refletir dinâmicas sociais, individualização e complexas relações contemporâneas. A exploração dessas mudanças na vida privada oferece uma perspectiva rica e detalhada sobre como as relações familiares se adaptaram e reconfiguraram ao longo do tempo, contribuindo para uma compreensão mais ampla das transformações sociais nas sociedades ocidentais.

Família e mudança são palavras que surgem inevitavelmente acopladas. É indiscutível que no processo de modernização das sociedades ocidentais, progressivamente desenhado ao longo dos últimos séculos, as formas de organizar e viver a família se transformaram indelevelmente, trazendo consigo muitas modificações, umas mais rápidas, visíveis e inovadoras, outras mais lentas, sub-reptícias e portadoras de heranças passadas. Neste cenário contemporâneo, que representaria, no mundo da vida privada, o culminar do processo de modernização das sociedades ocidentais, progressivamente consolidado a partir do Renascimento e que estaria, desde as décadas finais do século XX, em pleno advento do que muitos autores chamam a segunda modernidade, modernidade reflexiva ou avançada, compreende-se que a família seja, por excelência, um objeto de intensa discussão sociológica que ultrapassa, em amplitude, o campo da sociologia da família. (Aboim, 2006, p.27)

Aboim (2006) dialoga com a análise de Elisabeth Beck-Gernsheim (2017) sobre as transformações sociais na sociedade contemporânea. Beck-Gernsheim (2017) explora como a transição para a sociedade moderna tem desencadeado um processo de individualização abrangente. Resultando em mudanças significativas nos padrões de relacionamentos, incluindo o casamento. À medida que a sociedade moderna se desenvolve, observam-se alterações socioestruturais que influenciam diretamente a vida cotidiana das pessoas. Esses

desenvolvimentos estão conectados à dissolução de laços tradicionais, sistemas de crenças e relações sociais. Novos modos de conduzir a vida emergem, acompanhados por uma série de possibilidades e demandas no âmbito socioestrutural.

A transição para a sociedade moderna acarreta, então, em vários níveis, desenvolvimentos que iniciam uma individualização de vasto alcance, uma desvinculação das pessoas de laços tradicionais, sistemas de crenças e relações sociais. A isto estão ligadas novas formas de condução da vida, no nível socioestrutural novas possibilidades bem como exigências, e no nível subjetivo novos modos de pensamento e comportamentos. [...] Como mostra a pesquisa sócio-histórica, a transição para a sociedade moderna também deu início a uma profunda transformação do matrimônio e da família: a comunidade de trabalho de antes assume cada vez mais o caráter de uma comunidade de sentimento. Com o surgimento da família burguesa, ocorrem um "preenchimento sentimental da área intrafamiliar", a formação da privacidade e intimidade que caracterizam nossa imagem moderna de família. (Beck-Gernsheim, 2017, p.63-65)

Aboim (2006) aborda a questão fundamental sobre a integração conjugal em um contexto de crescente valorização da autonomia individual. Destacando que as mudanças nas formas de conjugalidade não são meramente resultado dos desejos individuais, mas estão intrinsecamente ligadas a editais institucionais, como os sistemas legais. Isso desafia a visão simplista de que a individualização implica uma deserção das instituições. Além disso, ela discute a relação entre a conjugalidade moderna e o processo de individualização. Enquanto reconhece que a modernização contribuiu para a fragilização das relações conjugais ao enfatizar a liberdade individual, Aboim (2006) aponta que o processo de individualização é também o que possibilitou a própria existência dessa forma contemporânea de relacionamento. Ela enfatiza que, apesar da ênfase na afetividade, a família moderna mantém muitas de suas funções instrumentais, como a produção econômica, educação e apoio material. Essa coexistência de afetos com outras dimensões essenciais, juntamente com as desigualdades de gênero e as questões econômicas, revela a complexidade das relações conjugais na contemporaneidade.

Por sua vez, Beck-Gernsheim (2017) enfoca as mudanças significativas no campo do amor e do casamento, especialmente no que diz respeito à individualização da biografia feminina. O ponto central apresentado é a transformação na dinâmica dos relacionamentos conjugais, resultante da desvinculação da mulher do modelo tradicional de integração na família. Ela destaca a mudança fundamental: se antes apenas a biografia masculina estava subordinada à individualização, enquanto as mulheres eram responsáveis pela existência dos outros membros familiares, agora ambos os gêneros estão sujeitos a uma biografia

autoconcebida. Essa mudança é crucial, levando a uma nova era na história da mulher e, conseqüentemente, na dinâmica dos relacionamentos amorosos e familiares.

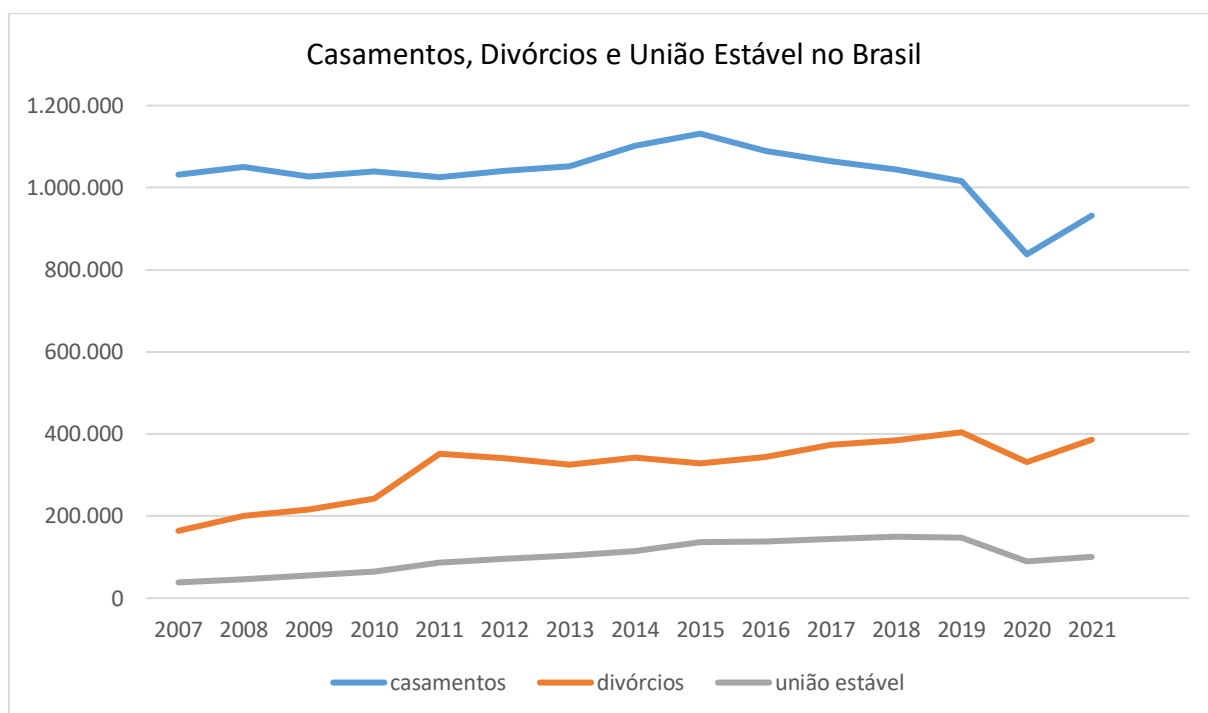
Destaca-se a afirmação de que, no âmbito do amor e do casamento, homens e mulheres mantêm expectativas e esperanças diferentes, evidenciando que suas perspectivas e desejos nem sempre se alinham. Isso leva à percepção de que, no nível mais íntimo, homens e mulheres são "estranhos íntimos", demonstrando diferenças nas expectativas em relação à sexualidade, divisão do trabalho, comunicação e até mesmo nas prioridades dentro do relacionamento. Aponta que, tradicionalmente, os homens enfatizam mais o aspecto instrumental do amor e do casamento, buscando principalmente a estabilidade na vida cotidiana, enquanto as mulheres valorizam mais os sentimentos e a proximidade emocional, enfatizando a compreensão mútua. Essa diferenciação entre os gêneros na forma de vivenciar e priorizar o amor e o casamento indica uma mudança substancial nas relações afetivas, onde ambos os parceiros buscam diferentes ênfases e significados dentro do relacionamento, refletindo as transformações sociais e culturais nas esferas íntimas e familiares.

Ao analisar os pontos convergentes e divergentes entre autores Giddens e Bauman, fica evidente que ambos oferecem observações importantes sobre as complexidades da modernidade e suas implicações nas relações humanas e sociais. Enquanto Giddens enfatiza a agência individual e a capacidade reflexiva como essenciais na construção de identidades e na adaptação à sociedade em constante mudança, Bauman realça a fluidez e a volatilidade da modernidade líquida, na qual as estruturas sociais tornam-se imprevisíveis e instáveis. Ambos os autores apontam para a centralidade do processo de individualização na sociedade contemporânea, embora enfatizem aspectos distintos dessa dinâmica. Além disso, as contribuições de Beck-Gernsheim e Aboim oferecem visões complementares, destacando as transformações nas relações familiares e conjugais, enfatizando a desvinculação da mulher do modelo tradicional de integração familiar e as implicações disso na dinâmica dos relacionamentos amorosos. Essas análises coletivas me permitiu compreender a complexidade e a pluralidade de fenômenos sociais na contemporaneidade, oferecendo perspectivas valiosas sobre a interação entre indivíduo, sociedade, identidade e relações interpessoais neste contexto de mudanças profundas e contínuas.

Como forma de endossar nossa análise e complementar as teorias levantadas até aqui, busquei dados dos últimos anos relacionados aos índices de casamento, divórcio e união estável no Brasil. A tabela a seguir apresenta os números absolutos, segundo o Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴, desses eventos ao longo dos anos de 2006 a 2021, oferecendo uma visão longitudinal que pode esclarecer algumas tendências e flutuações no panorama matrimonial e suas possíveis implicações socioculturais.

Tabela 1 - Número de casamentos, divórcios e uniões estáveis registradas em cartório no Brasil em números absolutos.



Fonte: Elaboração própria a partir das estatísticas de registro civil do IBGE.

Os dados fornecidos revelam uma panorâmica interessante sobre as dinâmicas dos relacionamentos e das estruturas familiares ao longo dos últimos anos. Ao analisar os números absolutos de casamentos, divórcios e uniões estáveis, notam-se tendências que podem indicar mudanças nas percepções e práticas associadas aos relacionamentos conjugais. A quantidade de casamentos parece apresentar uma tendência de queda a partir do ano de 2015, sugerindo uma possível mudança na ênfase ou valor atribuído à formalização do relacionamento. Mesmo que a queda seja relativamente pequena em termos absolutos, como podemos ver no gráfico, uma diminuição consistente ao longo de vários anos pode indicar uma tendência. Por outro lado, os números de divórcios mantiveram uma tendência crescente.

⁴ IBGE. Estatísticas do registro civil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 15 nov. 2023.

Principalmente a partir de 2010, quando a Emenda Constitucional nº 66⁵ alterou a legislação do divórcio no Brasil, simplificando o processo ao eliminar a necessidade de prévia separação judicial por mais de um ano ou de comprovada separação de fato por mais de dois anos para a dissolução do casamento civil pelo divórcio. Essa mudança também aboliu as distinções entre divórcio direto e indireto, além de eliminar a discussão de culpa pelo término do casamento, oferecendo aos cônjuges maior liberdade na tomada de decisão sobre o término da união.

Além disso, destaca-se o crescimento constante na quantidade de uniões estáveis ao longo dos últimos anos. Este aumento sugere uma preferência por relações menos formalizadas, mais flexíveis e adaptáveis, alinhadas com as teorias discutidas previamente, como a individualização dos relacionamentos e a busca por liberdade afetiva. Importante ressaltar que a queda nos números do ano de 2020 sofreram impacto devido a Pandemia da Covid19, refletindo ainda no ano de 2021.

Tais dados podem ser interpretados à luz das teorias mencionadas anteriormente. Giddens, por exemplo, introduz o conceito de "individualização", que sugere uma mudança nas estruturas sociais tradicionais, dando às pessoas maior liberdade na construção de suas identidades e relacionamentos. Nesse contexto, a diminuição gradual do número de casamentos e o aumento dos divórcios podem ser interpretados como uma manifestação dessa individualização, onde as pessoas buscam relações mais flexíveis e adaptáveis, afastando-se das instituições matrimoniais tradicionais, tal como descrito por Bauman em sua teoria da "modernidade líquida". A preferência crescente pelas uniões estáveis também se alinha a essas teorias, refletindo uma escolha por relações menos formalizadas, mais fluidas e adaptáveis, conceitos que Bauman e Giddens discutem em suas obras. Aboim, ao abordar a diversidade de arranjos familiares e conjugais, fortalece essa visão ao apontar que as transformações sociais contemporâneas estão desafiando as estruturas tradicionais de relacionamento e familiar, o que se reflete nos números apresentados, sugerindo uma crescente diversidade nos modelos de relacionamento adotados.

A liberdade amorosa não quebrou as cadeias da homogamia social, a busca de igualdade de gênero não acabou de vez com a dominação masculina, a separação entre família e produção econômica não fez da primeira apenas um lugar expressivo

⁵ BRASIL. Emenda Constitucional nº 66, de 13 de julho de 2010. Dá nova redação ao § 6º do art. 226 da Constituição Federal, que dispõe sobre a dissolubilidade do casamento civil pelo divórcio, suprimindo o requisito de prévia separação judicial por mais de um ano ou de comprovada separação de fato por mais de dois anos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 jul. 2010. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/51661/o-divorcio-apos-a-emenda-constitucional-n-66-2010>. Acesso em: 17 nov. 2023.

de manifestação de afeto e busca identitária. Aliás, nenhuma destas mudanças direcionadas para a individualização - no amor, na igualdade de gênero ou nas formas de produção e reprodução - é incompatível com a permanência de determinações sociais. Antes pelo contrário: é pela incorporação dos novos códigos sociais que tantos indivíduos se agregam em torno de valores e de práticas socialmente partilhadas, sem deixar de marcar também aquilo que é específico de cada grupo social em particular. (Aboim, 2006, p.42)

Por fim, a citação de Aboim é crucial para contextualizar as transformações nas estruturas sociais e nos relacionamentos, oferecendo uma reflexão importante sobre a individualização e suas implicações. Ela destaca que apesar das mudanças direcionadas para a individualização nas esferas do amor, igualdade de gênero e produção/reprodução, tais transformações não desmantelaram por completo as estruturas sociais preexistentes. A liberdade amorosa, por exemplo, não eliminou a homogamia social, enquanto a busca por igualdade de gênero não suprimiu integralmente a dominação masculina. A separação entre família e produção econômica também não transformou exclusivamente a família em um espaço meramente afetivo e identitário. E destaca que as mudanças sociais não são incompatíveis com as determinações sociais existentes; ao contrário, elas se coadunam e são incorporadas aos novos códigos sociais, sendo compartilhadas e assimiladas pelos indivíduos, enquanto ainda mantêm aspectos específicos de cada grupo social. Esta análise complexa ressalta que as transformações não anulam por completo as estruturas sociais vigentes, mas sim se entrelaçam, demonstrando a continuidade e a coexistência de elementos sociais antigos e novos.

CAPÍTULO 3. AMOR E CASAMENTO NA PERSPECTIVA DE QUATRO MULHERES

Considerando que Minayo (1994) destaca a importância intrínseca da pesquisa qualitativa, especialmente no contexto das entrevistas estruturadas ou semi estruturadas, como uma ferramenta essencial na investigação científica. E que essa abordagem é valorizada por sua capacidade de proporcionar uma compreensão profunda e contextualizada dos fenômenos sociais, permitindo uma análise rica e detalhada das experiências, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos de estudo. Escolhi as entrevistas estruturadas ou semi estruturadas, pois, dentro da pesquisa social, são reconhecidas por sua capacidade de capturar nuances, subjetividades e complexidades das vivências humanas, oferecendo um meio flexível de coleta de dados que permite a exploração de questões mais amplas, a interpretação de narrativas pessoais e a compreensão das relações sociais.

Com o intuito de aprofundar a compreensão das perspectivas acerca do casamento, realizei entrevistas, que compreenderam quatro mulheres de diferentes perfis, abrangendo participantes que se encontram em fase de planejamento matrimonial. O escopo dessas entrevistas reside na exploração de questões fundamentais relacionadas ao casamento, englobando tanto experiências pessoais como visões mais abrangentes das entrevistadas acerca dessa instituição. A abordagem adotada proporciona uma análise contextualizada que substancialmente enriquecerá a construção do conhecimento sobre como a sociedade contemporânea percebe o casamento. Nesse contexto, é realizado um exame da forma como os dados coletados se relacionam com as teorias previamente discutidas na revisão da literatura, promovendo, assim, uma maior amplitude na discussão deste estudo. Para coletar informações relevantes sobre o planejamento de casamento e as percepções das participantes, o questionário da entrevista foi desenvolvido com base em tópicos-chave que abordam diferentes aspectos do casamento e das experiências das entrevistadas. As perguntas abordaram tópicos como estado civil, motivações para o casamento, percepções sobre o casamento, influências familiares, desafios sociais e alternativas ao casamento.

A seguir, apresento alguns detalhes objetivos sobre as entrevistadas. Todas são mulheres solteiras, em fase de planejamento para o casamento. Júlia⁶, uma mulher de 28 anos com um mestrado e uma carreira na área de mídias sociais, segue a religião espírita. Ana, de

⁶ Para proteger a confidencialidade das participantes, optei por usar pseudônimos.

26 anos, tem uma formação em publicidade e se identifica como cristã, trazendo suas percepções sobre o casamento para a pesquisa. Alice, com 27 anos, é graduada em arquitetura e pratica o cristianismo. Por fim, Laura, com 29 anos, tem formação em análise de sistemas e segue a fé católica.

As motivações declaradas pelas entrevistadas para optarem pelo casamento variaram de acordo com suas perspectivas individuais. Júlia, desde a infância, nutria o desejo de casar-se, principalmente com o objetivo de formar uma família tradicional. Ela via o casamento como um caminho para realizar seu sonho de ser mãe. Para ela, a escolha de casar-se não estava necessariamente condicionada ao relacionamento, mas sim à sua própria realização pessoal.

“É uma coisa que eu tenho desde criança. Desde que eu me entendo por gente eu sempre quis casar, então não é uma coisa que surgiu, que eu consigo entender de onde veio. Mas a minha escolha nunca esteve condicionada ao relacionamento, sempre esteve condicionada a mim. E na verdade sempre esteve muito alinhado ao fato de eu querer ser mãe. Mesmo que eu não me casasse, eu queria ter filhos, não era um fator determinante o casamento, mas o fato determinante ter um filho. Mas eu entendia que sempre foi um desejo que esse filho viesse junto com uma família tradicional.” (Júlia, 19/10/2023)

Por outro lado, Ana justificou sua decisão de casar-se com base em sua religião. Para ela, o casamento é uma instituição divina e representa uma das principais práticas estabelecidas por Deus na Terra. A fé cristã desempenhou um papel central em sua escolha de se casar. “Primeiramente, eu acho que uma das principais razões é por conta bastante da minha religião né, tipo daquilo que eu nasci, de como aprendi sobre o casamento e como ele representa uma das instituições estabelecidas por Deus aqui na terra.” (Ana, 19/10/2023). Alice demonstrou uma perspectiva mais pragmática em relação ao casamento, considerando-o como um contrato social. Para ela, o casamento significa dividir igualmente as responsabilidades em uma espécie de sociedade conjugal. “eu tinha um leve pânico de estar casada, daí eu falei: Por que eu quero casar agora? É por que eu tenho que casar, ou por que eu quero casar?” Aí eu cheguei à conclusão de que sim, eu quero casar, porque eu quero dividir a vida com alguém, considerando os prós e os contras.” (Alice, 25/10/2023)

Laura, por sua vez, vê o casamento como a realização de um sonho de longa data, que era o desejo de formar uma família. Sua relação com seu noivo evoluiu para o convívio conjunto, e o casamento na igreja era importante para ambos, principalmente devido à influência religiosa e ao desejo de receber a bênção de Deus. Além disso, eles viam o

casamento como uma maneira de se apresentarem publicamente como um casal comprometido.

Acho que a primeira é querer formar uma família. É um sonho que eu tenho há muito tempo. E quando eu encontrei meu atual noivo, meio que fez sentido esse sonho se realizar, sabe? É, e aí o casamento é porque a gente começou a morar junto, mas a gente queria fazer um meio que um *test drive* mesmo, sabe? Só que eu fazia muita questão do casamento na igreja por conta da religião e tudo mais, para ter a benção de Deus. E ele aceitou e embarcou nessa comigo, né, de querer fazer o casamento na igreja e tudo, mas para ele também, a demonstração pública das pessoas conhecerem a gente como um casal daqui para frente também para ele é importante. (Laura, 27/10/2023)

A decisão de uma mulher de se casar pode ser entendida como uma manifestação complexa das dimensões de gênero. Dentro de uma sociedade moderna, onde as relações são instáveis e a vida é incerta, a decisão de se casar pode representar uma tentativa de encontrar um ponto de ancoragem em meio à fluidez das relações sociais. A escolha do casamento civil pode ser uma manifestação das expectativas sociais e normas de gênero internalizadas pela mulher. Pode-se analisar como as estruturas de poder de gênero influenciam essa decisão, bem como as motivações individuais, o contexto social e as expectativas culturais.

As respostas das entrevistadas em relação às motivações para optar pelo casamento fornecem uma visão complexa sobre como as dimensões de gênero de Scott, Haraway e Butler, assim como o conceito de patriarcado de Saffioti e Federici, influenciam as escolhas individuais. Júlia expressa um desejo profundo de casar-se, ligado ao sonho de formar uma família tradicional, revelando a internalização de ideais sociais sobre maternidade e família. Suas aspirações refletem normas de gênero arraigadas na sociedade. Ana, por sua vez, justifica sua decisão com base na visão religiosa, considerando o casamento como uma instituição divina, mostrando como as crenças religiosas moldam suas percepções sobre o papel da mulher e as expectativas sociais de gênero. Ambos os casos apontam para a influência das expectativas sociais e culturais, enquadradas dentro de uma estrutura patriarcal que estabelece normas de conduta para as mulheres, moldando suas escolhas em relação ao casamento. Essas respostas ilustram como as dimensões de gênero e as estruturas patriarcais influenciam as motivações individuais para o casamento, refletindo normas sociais e expectativas culturais historicamente construídas em torno das identidades de gênero, como já vimos.

Sobre a percepção do casamento atualmente, Júlia descreveu a geração atual como dividida em relação ao casamento. Ela notou que muitas pessoas ainda acreditam que o

casamento é uma obrigação imposta pela sociedade, particularmente para as mulheres. No entanto, também reconheceu que a geração atual está começando a questionar as estruturas tradicionais de casamento, influenciada por experiências familiares variadas.

Ah eu acho que na verdade, a nossa geração está muito complicada em relação a isso, porque a gente tá muito dividido. Então tem muita gente que ainda acredita que o casamento é uma obrigação, que você tem que casar né. Então, principalmente a mulher, eu acho que a mulher às vezes acredita que, pra ela ser feliz ela tem que casar, mas não por ela mesma, e sim pelo que a sociedade coloca né. Só que por outro lado, acho que a gente também começou a perceber, a nossa geração começou a perceber, que esses casamentos antigos, não eram tão estruturados como a gente pensava, quando a gente era criança né. Então ao mesmo tempo que eu acho que parte quer casar, porque tem pais casados, avós casados e toda aquela história da família, outra parte já tem um ódio do casamento, porque percebeu que a mãe sempre sofreu em casa, ou que a vó se submetia a muitas coisas por causa desse casamento, né então eu acho que são dois lados bem complicado. Eu acho que a sociedade no geral tá bem dividida. (Júlia, 19/10/2023)

Por outro lado, Ana viu o casamento como algo volátil e flexível, especialmente entre as gerações mais jovens. Ela notou uma banalização do casamento, onde as pessoas se casam e separam com frequência. Ela também mencionou a influência da religião em sua perspectiva, destacando a visão positiva do casamento na igreja e as complexidades associadas a essa instituição.

Eu percebo o casamento atualmente, sinceramente, como algo volátil e flexível e líquida. Que as pessoas colocaram como algo banalizado, sabe. As pessoas mais novas, não dão tanto valor pro casamento, então elas casam, e daí elas não dão certo, daí já separam. Eu vejo de duas formas, porque como eu sou adventista, tenho uma religião, então eu vejo que o casamento dentro da igreja, de uma forma, tipo, onde a gente olha com óculos, digamos, e de outra forma, tipo a forma como eu enxergo dos meus amigos que não são da igreja. Quando eu olho pra igreja eu vejo que o casamento é uma coisa que faz sentido, e que as pessoas almejam, por isso, quando elas entram dentro de um relacionamento, aquilo ali é tipo um passo da vida que a pessoa dá, sabe. E também tenho esses ideais de achar o casamento como realmente a união de duas pessoas, de ter um propósito por trás, de ter laços, de saber que não é tudo mil maravilhas, mas que tem que fazer dar certo. E por outro lado eu vejo o casamento dentro da religião também, muitas vezes como algo que é pregado como uma coisa que é uma prisão, então tipo, você tá amarrado naquela pessoa pra sempre. Você não pode se desvincular daquela pessoa porque você escolheu, e se você escolheu errado o problema é seu. Então, tipo, tem esse lado positivo, mas também tem um lado negativo dentro dessa ótica religiosa. Já no lado não religioso, onde eu converso com meus amigos da faculdade, pessoas que não são do meio religioso, o casamento é uma coisa que, ou você tem muito dinheiro pra fazer uma festa, porque daí eles não lincam essa questão de você estar casado, porque agora você tá dando um passo diferente na sua vida, mas eles lincam o casamento, só com fazer uma festa simplesmente. Nesse sentido de fazer uma festa, você tem que ter dinheiro, é um gasto desnecessário. Então se não der, não casa, e só mora junto e não tem problema. (Ana, 19/10/2023)

Alice abordou o casamento como um contrato social, enfatizando a ideia de equidade nas relações conjugais. Ela considerou o casamento como importante e uma forma de promover estabilidade na vida das pessoas, principalmente à medida que envelhecem e adquirem mais responsabilidades. Para ela, o casamento regulamenta vários aspectos da vida e promove o bem-estar social e religioso.

Eu percebo friamente que é quase um contrato social, em que você está entrando em uma sociedade com uma pessoa, cinquenta/cinquenta basicamente. Tipo, tem esse estigma de que, geralmente, a mulher se doa mais para o casamento do que o homem né, então no meu caso, acho que eu tento construir essa relação bem diferente, bem do tipo cinquenta/cinquenta real, pra não sobrecarregar ninguém, e pra nunca ser uma coisa tipo, sem ser igualitária. Porque daí pra mim não conta. Eu acredito que o casamento é importante. Eu sinto que, quanto mais velha eu vou ficando, mais cheia de manias eu fico, e eu sinto que pra sociedade, num geral, o casamento promove uma certa estabilidade do ser. Em que eu tenho um contrato social com alguém que tem o mesmo interesse que eu, nós caminharemos juntos para o mesmo lugarzinho, então é um contrato regulador, de muitas coisas, entre muitos aspectos. Eu tô falando na minha visão bem progressista, em que a mulher não tem que ficar em casa, sabe. O que eu acho é que quando você encontra outra pessoa, pra você passar a vida, vira uma coisa que não é só o que eu quero. Você passa a considerar o que a outra pessoa quer também, então isso te regula de uma certa forma, regula em todos os aspectos da vida, sociais e religiosos. (Alice, 25/10/2023)

Por sua vez, Laura observou uma oscilação nas tendências de casamento ao longo do tempo. Ela destacou que sua geração cresceu testemunhando muitas separações, o que influenciou a percepção geral sobre o casamento. Apesar dos desafios, Laura considera o casamento importante, pois envolve tomar decisões informadas e representa um compromisso que vai além da velocidade do mundo atual.

Eu acho que hoje em dia a gente dá um valor um pouco baixo, né? Porque foi uma geração que teve muita separação, né? A minha geração cresceu vendo a maioria dos pais se separaram. Então é uma geração que tem como exemplo a separação. Então o casamento é meio que se distanciar desse exemplo, não fazer o que seus pais faziam. Tentar fazer diferente. Acho que tentar mesmo sabendo de todos os problemas. Todo mundo sabe que casamento vai dar problema e a gente ainda quer mesmo assim continuar nessa, sabe? Eu acho legal. Interessante. Eu acredito que o casamento ainda é importante sim. Eu acho que hoje a gente vive num mundo de tanta rapidez, sabe? É você parar, tomar um tempo para falar, fazer, tomar uma decisão informada, porque morar junto não é uma decisão muito bem informada. (Laura, 27/10/2023)

As declarações de Júlia, Ana, Alice e Laura refletem a complexidade das percepções contemporâneas sobre o casamento, mostrando uma pluralidade de visões que ecoam os debates levantados por autores como Beck-Gernsheim, Aboim, Giddens e Bauman em relação à modernidade e suas implicações nas relações sociais. Júlia destaca a dualidade presente na

atual geração, ressaltando a pressão social sobre a mulher para se casar, contrastando com a crescente desconfiança em relação às estruturas tradicionais do casamento, em consonância com a ideia de individualização das biografias femininas discutida por Beck-Gernsheim. A visão de Ana sobre a volatilidade do casamento reflete a fluidez das relações na modernidade líquida proposta por Bauman, onde a banalização do casamento e a separação tornaram-se mais frequentes, especialmente entre as gerações mais jovens. Por outro lado, sua perspectiva religiosa ilustra a influência de instituições como a igreja na concepção do casamento. Alice traz à tona a ideia de equidade nas relações conjugais, destacando o casamento como um contrato social, em linha com a noção de contratos na modernidade discutida por autores como Giddens. Por fim, Laura menciona a influência das experiências passadas de separação em sua geração, em sintonia com o debate de Bauman sobre a fluidez das relações e a percepção contemporânea do casamento diante da velocidade do mundo atual. Essas percepções da contemporaneidade refletem os desafios e mudanças nas relações amorosas e familiares, demonstrando a complexidade das interações humanas num contexto de constante transformação social e individualização das biografias, conceitos amplamente discutidos pelos autores que abordam a modernidade.

Quando questionada sobre o papel das mulheres no casamento, Júlia apontou a persistente pressão sobre as mulheres para serem o alicerce do relacionamento, vindo de várias fontes, incluindo outras mulheres, homens e a sociedade em geral. Ela destacou a influência da religião, particularmente da igreja católica, que historicamente promoveu uma visão patriarcal do casamento. Júlia salientou a importância do feminismo na capacitação das mulheres para fazerem escolhas e na conscientização sobre essas expectativas.

Ainda existe muito uma cobrança da mulher como pilar como estrutura do relacionamento, de todos os lados, tanto por parte das próprias mulheres, que outras mulheres que te pressionam, acho que você mesma se pressiona, e tanto do homem que te pressiona, de certa forma. É uma questão que acontece “naturalmente”⁷, embora não devesse, pela estrutura de sociedade que a gente vem. A mulher ainda tem esse papel, e acho que muito ligado ainda a religião. Hoje em dia as religiões são mais amplas, mas a gente tinha uma estrutura da igreja católica que de certa maneira é um pouco patriarcal. Então traz essa mulher que precisa perdoar a qualquer custo, que precisa manter o casamento, que precisa estar disposta pro homem. E a gente foi educado assim. Eu acho que isso ta começando a mudar agora, mas nossa a nossa geração ainda vem dessa educação. Então eu acho que existe essa cobrança, tanto em relação a casa quanto em relação ao emocional. Mas eu acho que tem mudado, e é também nosso papel mostrar que isso é uma cobrança e nos colocar

⁷ Grifo/realce da entrevistada.

quanto a isso, porque eu acho que muitas vezes até eu mesma, como ta muito intrínseco no nosso papel, as vezes a gente acaba reafirmando isso com as nossas ações, e a gente tem que se policiar pra fazer diferente. Pra mim o feminismo é a mulher poder escolher. A gente é cobrada o tempo inteiro, independente do que a gente ta fazendo, nunca ta bom. E muito até pela família do noivo, do marido, por mulheres, sempre vão estar ali julgando outra mulher. É um ciclo que eu acho que tem que ser quebrado, mas existe. (Júlia, 19/10/2023)

Ana observou a evolução das percepções sobre o papel da mulher no casamento ao longo dos anos, parcialmente influenciada pelo movimento feminista. Ela compartilhou sua visão de que o papel da mulher deve ser mais equilibrado e aberto, enfatizando a importância da comunicação aberta e do compartilhamento de responsabilidades no casamento.

Eu mudei bastante a minha percepção de quando eu era criança, pra a que eu tenho hoje, por conta também, dessa evolução da sociedade né, dessas ideias mais feministas que a gente tem tido contato. Apesar de não concordar com muitas delas, mas acredito que esse choque de realidade que elas trouxeram, tipo assim, ao mesmo tempo que tal coisa nos assusta, também nos faz cair ali naquela coisa do equilíbrio, né. E a minha expectativa, do papel da mulher dentro do casamento, é que ela possa desempenhar o que ela espera né. Tipo, tanto como mulher, quanto como pessoa dentro da rotina ali. Sempre de uma forma muito aberta com o marido. Por exemplo, antigamente, a gente tinha essa concepção, que a mulher tinha que cuidar da casa, que ela não trabalhava fora, mas que tinha que cuidar da casa, tinha que cuidar dos filhos, tinha que fazer todas as atividades dentro do lar. E hoje eu já vejo que isso não é um papel da mulher, não é uma obrigação da mulher, é um papel dos dois. Não só em coisas assim práticas, mas também quanto de sentimentos né, da mulher sempre acolher o homem, da mulher sempre levar tudo nas costas. Eu vejo que é uma ideia que é diferente hoje em dia. A gente compartilha mais, a gente tem mais igualdade. Assim, no sentido de tanto a mulher poder falar aquilo que ela quiser, sem ser julgada, tanto o homem também. (Ana, 19/10/2023)

Alice ressaltou a sensação de sobrecarga que as mulheres frequentemente enfrentam no casamento, descrevendo a mulher como uma "cola" que mantém todas as partes funcionando e temendo que, se soltar essas responsabilidades, tudo desmoronará. Ela expressou preocupações sobre a expectativa de que as mulheres sejam as principais responsáveis por manter a estabilidade no casamento.

É meio sobrecarregado, tipo assim, a mulher eu acho que é como uma cola. Eu sinto que a mulher, ela é uma cola para tudo, sabe. Eu sinto que, tipo, eu já tive essa conversa várias vezes, com pessoas mais velhas, casadas, para saber quais são, tipo, a visão de alguém que tem experiência, já tá num caminho bem mais pra frente, e a maioria delas, geralmente tem a sensação de que, se elas soltarem, as coisas, que elas estão carregando nas costas, tudo vai desabar. O que eu interpreto, é que se espera isso dela, porque eu acho que vai caminhando para isso sabe, porque a maioria delas sempre fala que elas estão sobrecarregadas, que se ela sair, como eu falei da cola, elas saírem de tudo que elas colocam pra fazer, que não é só cuidar das crianças, no caso, mulheres que tem de cuidar de um casamento, cuidar de uma casa, todas elas sentem que é de forma desigual. Elas sentem que sem elas tudo desaba.

Ou seja, quem que tá com o maior peso, quem que tá segurando, quem que tá estruturando todo esse círculo familiar, esse círculo matrimonial é a mulher, e isso me assusta. (Alice, 25/10/2023)

Laura compartilhou sua observação de que as mulheres muitas vezes desempenham um papel de liderança no casamento, tomando decisões sobre tarefas domésticas, organização e administração do relacionamento. Ela enfatizou que esse papel de liderança coloca uma carga adicional sobre as mulheres, que já enfrentam uma "tripla jornada" de trabalho dentro e fora de casa.

Cara, eu acho que tem muito de a mulher ser a dona de tudo, né? Dona dos filhos e dona da casa, é dona do relacionamento. Ela que tem que fazer as coisas funcionarem, sabe? E fica muito pesado quando a gente tem essa posição, sabe? Eu tento me posicionar um pouco diferente, mas eu sei que, olhando para os casamentos que eu conheço, por exemplo, tem sempre um esforço muito maior da mulher para fazer dar certo do que do homem. E hoje com meu relacionamento, eu acho que a gente tá um tanto quanto equiparado. Eu não sei como é que vai ser no futuro. Eu espero que continue assim. Mas eu tenho ciência de que, eu acho, na minha visão, que as mulheres têm um papel muito mais de liderança, sabe? É uma liderança do casamento. Você lidera como a casa vai ser arrumada, que dia que vão ser as faxinas, que dia que fulano vai fazer isso, que ciclano vai fazer aquilo, que dia que vai chamar fulano, beltrano sabe? A liderança é sempre da mulher, então ela tem mais um trabalho para a comunidade, né? Mais um trabalho para incluir na tripla jornada. (Laura, 27/10/2023)

As respostas das entrevistadas revelam algumas semelhanças e diferenças significativas em relação ao papel das mulheres no casamento. Todas destacaram a sensação de sobrecarga que as mulheres frequentemente experimentam, equilibrando múltiplas responsabilidades em suas vidas. Além disso, elas reconheceram a influência das expectativas históricas, muitas das quais derivam de valores religiosos e culturais. No entanto, as diferenças surgiram nas visões sobre o feminismo, com algumas entrevistadas vendo-o como uma ferramenta capacitadora, enquanto outras eram mais céticas em relação a seu impacto. Além disso, a perspectiva em relação ao equilíbrio de gênero variou, com algumas expressando esperança por uma divisão mais igualitária de responsabilidades no casamento. As respostas também refletiram diferentes percepções religiosas, com a igreja católica sendo mencionada como uma influência que perpetua expectativas tradicionais.

As observações de Júlia acerca da persistente pressão sobre as mulheres no casamento ecoam as ideias de Scott a respeito da maneira como as expectativas de gênero são internalizadas e perpetuadas pela sociedade. Isso inclui a influência da religião, especialmente a igreja católica, que historicamente promoveu um modelo patriarcal de casamento, conforme

apontado por Saffioti e Federici. Essas estruturas patriarcais influenciam a percepção das mulheres sobre suas funções e responsabilidades dentro do casamento, conforme mencionado por Laura, Ana e Alice.

As visões variadas sobre o feminismo também destacam a diversidade de perspectivas sobre a libertação das mulheres. Enquanto Júlia vê o feminismo como uma ferramenta capacitadora na conscientização sobre as expectativas impostas às mulheres, Alice e Laura expressam preocupações sobre a sobrecarga de responsabilidades e expectativas persistentes, mesmo após o movimento feminista. A discussão sobre o equilíbrio de gênero e a busca por uma divisão mais igualitária de responsabilidades no casamento, mencionada por algumas entrevistadas, pode ser conectada ao trabalho de Butler sobre a performatividade de gênero. Ela argumenta que as noções tradicionais de gênero são performances sociais e, portanto, podem ser desafiadas e transformadas. Essas perspectivas podem ser entendidas como uma tentativa de romper com os papéis de gênero tradicionais e buscar uma reconfiguração das expectativas no casamento.

Com relação aos pais, Júlia e Alice tem pais casados há mais de 30 anos, mas Ana tem pais divorciados, enquanto que Laura não tem os pais vivos mais, mas enquanto estiveram vivos, seus pais estiveram juntos em uma união estável, sem oficializar civilmente. Nessa parte das entrevistas, elas compartilharam como a experiência dos pais de cada uma influenciou suas visões sobre o casamento. Júlia observa a influência da criação e da observação do casamento de seus pais em sua visão do casamento. Ela destaca a importância de ter tido uma família estruturada na formação de seu desejo de criar sua própria família. Ana enfatiza como o casamento de seus pais moldou suas visões sobre o papel dos gêneros em um relacionamento. Ela valoriza a atitude ativa de seu pai dentro do casamento e deseja ver um relacionamento semelhante em sua vida futura. Ela também aponta que as experiências boas e ruins que teve dentro de casa influenciam suas escolhas no casamento.

Alice compartilha uma perspectiva sobre como a sobrecarga de papéis de gênero em seu lar afetou sua visão do casamento. Ela menciona a importância de não cair na armadilha da desvalorização do trabalho doméstico e busca uma divisão mais igualitária de responsabilidades. Ela associa as visões de casamento a valores cristãos e experiências familiares. Laura descreve um casamento conflitivo entre seus pais devido a problemas com álcool de seu pai. Ela vê o casamento deles como um exemplo de esforço, embora difícil, e

reconhece que ambos estavam fazendo o melhor que podiam nas circunstâncias. Ela valoriza o esforço e a tentativa de seus pais como um exemplo no relacionamento.

Em geral, as experiências e observações dos pais desempenham um papel significativo na formação das visões das entrevistadas sobre o casamento, influenciando a forma como elas percebem os papéis de gênero, a importância da igualdade e o valor do esforço e comprometimento em um relacionamento. Cada uma delas ressalta aspectos diferentes da influência de seus pais em suas visões sobre o casamento. A ênfase de Júlia na importância de ter tido uma família estruturada na formação de seu desejo de criar sua própria família está conectada à noção de socialização de gênero de Scott, onde as experiências familiares desempenham um papel fundamental na formação das identidades e expectativas individuais. Da mesma forma, as observações de Ana sobre como o casamento de seus pais moldou suas visões sobre os papéis de gênero refletem a influência das estruturas patriarcais, conforme discutido por Saffioti e Federici, mostrando como as atitudes dos pais podem impactar a percepção dos filhos sobre as dinâmicas de gênero.

A perspectiva de Alice sobre a divisão desigual de responsabilidades e seu esforço para buscar uma igualdade maior no casamento se relacionam com as discussões de Haraway (2004) sobre as relações de poder e as dinâmicas sociais que moldam as experiências das mulheres. Além disso, a valorização do esforço e comprometimento no relacionamento, mencionada por Laura, pode ser associada à ideia de que o casamento envolve práticas sociais arraigadas e a construção de significados individuais, como discutido por Butler em seu trabalho sobre a performatividade de gênero.

Quanto a pergunta sobre quais são as semelhanças e diferenças sobre as expectativas do casamento na geração de seus pais e da geração atual, Júlia destaca a liberdade atual das mulheres para tomar decisões sobre o casamento e a diminuição da pressão para manter a união a qualquer custo. Ela também menciona uma mudança na visão sobre a finalidade do casamento, com a ênfase passando de ter filhos para compartilhar a vida a dois. Além disso, Júlia ressalta a transformação nas expectativas materiais, com a geração atual priorizando experiências no presente, em oposição à acumulação de bens para as gerações futuras.

Eu acho que mudou, principalmente em relação a manter o casamento a qualquer custo. Assim, não é que eu tô casando pra me separar, mas se eu precisar me separar, eu acho que sou muito mais livre pra fazer isso do que se minha mãe quisesse separar. Acho que eles tinham muito essa cobrança, de a gente precisa ficar junto pra sempre, sabe, a qualquer custo. Eu acho que essa é a principal diferença. Eu acho que a questão dos filhos também, vem diminuindo um pouco. Antes se casava pra

ter filhos, hoje em dia muita gente quer casar pra viver a dois, e tá tudo bem, né. Mesmo que a sociedade ainda cobre um pouquinho, acho que as cobranças são em níveis muito diferentes. Acho que talvez a cobrança é de realização. Mas até de bens, sabe, da família precisar ter casas e carros, pra deixar para as gerações futuras, também era uma coisa que se cobrava mais. Acho que a nossa geração, tá muito mais ligada em aproveitar o agora, do que ficar juntando dinheiro demais pra um futuro, pra deixar herança e todas essas coisas sabe. Na verdade, eu acho que não tem muita semelhança, são mais diferenças do que semelhanças. (Júlia, 19/10/2023)

Ana também reconhece a mudança nas expectativas em relação ao casamento, mencionando que a geração atual é mais flexível e menos rígida em relação aos papéis de gênero. Ela destaca a influência da personalidade e da escolha na busca por equilíbrio nos relacionamentos. Alice enfatiza a maior igualdade de gênero na sociedade atual, com as mulheres tendo mais oportunidades de educação e carreira. Ela menciona a mudança da visão de casamento como uma obrigação para uma escolha individual e libertadora.

Sim, acredito que tenha diferença. É uma diferença geracional, com certeza, principalmente da visão de mundo. Depende muito da onde você veio, a minha mãe, por exemplo, tinha uma expectativa e meu pai tinha outra. A minha mãe foi criada na fazenda, meu pai também. Mas, tipo, a minha mãe, por personalidade, ela já é uma pessoa mais passiva, mais na dela, mais insegura. Então, tipo, pelo problema de saúde dela, ela tem essa expectativa dos papéis tradicionais. Que o cara cumpra o papel de provedor. Minha mãe, por personalidade prefere alguém como meu pai. Ela gosta de preencher o papel de passiva. Mas aí, com relação as essas duas gerações, semelhanças tem, mas com ressalvas. É claro que hoje em dia é meio que, graças a Deus a gente tá conseguindo um salário mais equivalente, sabe, pra mulher, que antigamente não tinha muitas oportunidades. Poucas mulheres faziam faculdade, existia muito estigma sobre o trabalho. Hoje em dia não tem tanto né. Eu lembro de quando eu era criança, ouvia dizer que tinha tal fulano que não gostava que a mulher trabalhasse. Hoje em dia, não é uma coisa tão comum. Existe ainda, mas velado. Completamente, claro que não deixou de existir, mas eu já vejo que foi uma mudança geracional. Eu sinto que a culpa, por exemplo, ter filhos e voltar a trabalhar ainda perpetua. Acho que é uma culpa dupla, nunca tem uma resposta certa, se você para de trabalhar, você se culpa por estar perdendo a sua individualidade, e se você volta a trabalhar, você se culpa por não estar ali com seu filho. Então a cruz da mulher é carregar uma culpa. (Alice, 25/10/2023)

Por sua vez, Laura observa o aumento das expectativas na geração atual, relacionando-o à busca por relações ideais e às influências das redes sociais. Ela compara isso com uma visão mais realista e menos exigente nas gerações anteriores, destacando que o casamento era muitas vezes uma obrigação social.

Ah, eu acho que existe diferença sim. E muito. Eu acho também que a nossa geração cria muito mais expectativas com relação a tudo. Então, as expectativas vigentes são altas, às vezes até delirantes, de achar que uma coisa vai ser porque tá assim na cabeça dela, sabe? Tipo, e aí você vai para a realidade, não é, não vai ser daquele jeito. Eu sou um pouco mais pezinho no chão, sabe? Mas eu vejo que tem gente que,

tipo, é aquele clássico, ah a gente começou a morar junto. Antes era isso, era aquilo, mas muda, e não dá certo, nada fica legal e acaba, né? A magia acaba, né? Por que? Porque as expectativas criadas foram muito grandes. Achou que ia viver uma lua de mel eterna. Eu acho que na geração anterior, que é a dos meus pais, por exemplo, meu pai era divorciado, na verdade. E minha mãe já juntou com ele um pouco mais tarde. E aí eu acho que a expectativa deles com relacionamento era bem mais baixa, sabe? Tipo mais realista. Tipo, vamos ver no que vai dar, sabe? E foram vendo. Sei lá, acho que eles ficaram juntos no mínimo uns 16 anos, que é quando ele faleceu. E antes tinha aquela visão tradicional: “Ah, vou me casar porque meu pai arranjou alguém para casar comigo. Vou me casar porque preciso de alguém para me tirar da casa dos meus pais.” E aí hoje eu vejo que vou me casar, porque eu quero ter alguém para compartilhar a vida, sabe? Que é uma coisa um tanto quanto diferente e um pouco libertadora, sabe? Você tira aquela pressão de estar ali casando, porque tem que ser assim, tem que ser assado, sabe? Hoje as pessoas eu vejo que é muito uma questão de opção casar, sabe? Antigamente era obrigatório para completar a vida, você tinha que casar. Parecia que era um checklist que você tinha que fazer, né? E hoje não é uma opção que algumas pessoas fazem, outras pessoas não fazem questão. Então, acho que mudou nesse sentido. Acho que hoje em dia é muito mais uma opção do que já foi antigamente. Porque até sei lá, 1980 as pessoas já casavam por opção, né? Mas não era tão livre e libertador como é hoje, sabe? Então, acho que nesses últimos anos talvez a coisa tenha ficado mais leve para as pessoas. Acho que assim, uma aceitação mais geral, né? Da escolha mesmo, né? Casar parou de ser uma obrigação e passou a ser uma escolha. (Laura, 27/10/2023)

As respostas das entrevistadas revelam um panorama complexo e multifacetado das mudanças nas expectativas em relação ao casamento entre as gerações de seus pais e a geração delas. Júlia, que tem 28 anos, destaca a liberdade atual das mulheres para tomar decisões sobre o casamento, evidenciando uma diminuição na pressão para manter a união a qualquer custo e uma mudança na finalidade do casamento, da ênfase na procriação para o compartilhamento de uma vida a dois. Ana, que tem 26 anos, reconhece a maior flexibilidade de papéis de gênero na geração atual, enquanto Alice, que tem 27 anos, enfatiza a valorização da igualdade de gênero e a liberdade de escolha individual no casamento. Por outro lado, Laura, que tem 29 anos, observa um aumento significativo nas expectativas atuais, relacionando-as à busca por relações ideais, contrastando com uma visão mais realista e menos exigente das gerações anteriores, onde o casamento era muitas vezes encarado como uma obrigação social. As perspectivas variam em termos de como essas mudanças são percebidas, mas todas indicam uma transformação nas atitudes em relação ao casamento ao longo de suas vidas.

As entrevistas revelam diferentes perspectivas sobre as vantagens e desvantagens de optar por formas de relacionamento distintas do casamento civil. Cada entrevistada oferece uma visão única sobre o assunto. Júlia destaca a importância do compromisso e da responsabilidade no casamento. Para Júlia, morar separado ou manter uma relação sem os vínculos tradicionais do casamento pode comprometer a capacidade de enfrentar conflitos e a

necessidade de evolução conjunta. Ela acredita que o casamento envolve o crescimento pessoal e a resolução conjunta de problemas, aspectos que podem ser negligenciados em relacionamentos alternativos.

Eu acho que são possíveis, por exemplo, tem muita gente que se casa, mas mora separado né. É um tipo de escolha, mas aí eu não acho que às vezes, não é que não possa ser chamado de casamento, mas não é o que eu acredito que seja um casamento. Porque, de certa maneira, eu vejo o casamento como essa responsabilidade de andar junto. A partir do momento, por exemplo, que você tem duas casas, se você briga, você vai embora, então você não tem essa relação de preciso me reconciliar. Eu acho que faz parte do casamento, faz parte da sua evolução pessoal e enquanto relação. É vocês estarem junto e resolverem as coisas juntos, então por exemplo, quando mora separado eu acho que se perde um pouco disso. E muitas vezes, até por questões religiosas. Então se vão continuar separados, pra mim ficaria numa situação de namoro né. Pode fazer o casamento, pode fazer a festa, mas eu acho que não houve uma evolução na sua relação né, nesse sentido. Já quando envolve outras pessoas, eu acho que de certa maneira é não querer assumir uma responsabilidade, sabe, tipo muitas vezes eu acho que abrem relacionamentos ou moram separados, pra que, se não der certo, se não conseguir, não precisa ficar preso a alguém o resto da vida. Então eu acho que muitas vezes é medo mesmo de assumir uma responsabilidade, que é o casamento. Pra mim é uma responsabilidade muito grande. (Júlia, 19/10/2023)

Ana não consegue identificar vantagens em não se casar, pois enxerga que a ausência de compromisso em um relacionamento pode resultar em uma falsa sensação de liberdade. Ela também menciona a perda da sensação de pertencimento e a solidão que pode advir da falta de um compromisso sério com alguém. Ana acredita que essa "liberdade" pode ser enganosa e fazer com que as pessoas se sintam solitárias.

Eu não vejo vantagens nenhuma. A pessoa pode pensar que uma vantagem é o ponto emocional, no sentido de “ah, se eu não caso, eu não tenho um compromisso fixo com ninguém, então eu tenho essa flexibilidade de: não deu certo, não tô gostando, eu não vou me sentir preso, eu posso sair a qualquer momento”, então é uma falsa sensação de liberdade, digamos. Talvez dá para colocar essa falsa sensação de liberdade, como uma vantagem, que a pessoa entende que ela tem. Outra vantagem, que eu já vi muitas pessoas alegarem é que quando cada um mora na sua casa, a pessoa não deve satisfação da vida dela, então ela permanece como um indivíduo sem responsabilidade. Ela não tem responsabilidade com a outra pessoa, ela só está compartilhando momentos ou emoções. Enfim, então eu acho que é tudo uma falsa sensação de liberdade. Eu acredito que essa falta de compromisso, essa falta de se sentir pertencente a algo, acaba deixando tudo muito estranho. Tipo assim, é como se pra você nada importa. Ninguém importa o suficiente pra você, na vida, a ponto de você ter uma responsabilidade com outra pessoa. Então você se coloca num patamar, tipo, onde você é o mais importante de tudo, porque você não quer ter um compromisso com outro, você não quer ter uma ligação. Enfim, eu acho que essas desvantagens, é também no sentido de você talvez se sentir um pouco só. Porque apesar de você estar com outro, ao mesmo tempo você não pertence ao outro, você tá pegando outro emprestado, e o outro também tá te emprestando, sabe. (Ana, 19/10/2023)

Alice aponta a possibilidade de desvantagens sociais na escolha da união estável como uma alternativa ao casamento. Ela destaca a pressão social decorrente da falta de reconhecimento e das expectativas da sociedade. Alice observa que a pressão social pode ser mais intensa em sua experiência, influenciada por seu círculo social e pela presença da religião em sua.

Agora, com a união estável, que segundo os advogados, é o melhor regime, eu não vejo desvantagens. Mas eu acho que a maior desvantagem talvez seja social, pelo reconhecimento, tipo cobrança social que vai ter em cima de você. Principalmente pelo meu convívio, seria uma cobrança constante. Você não vai casar, você não vai regularizar, sabe. Então não é um casamento, parece que é, mas não é. Mas isso vem muito do meu círculo, da minha vivência cristã e blá blá blá blá... Mas eu acho que é uma coisa meio geral latino-americana, não é muito bem vista por ninguém você não estar casado. (Alice, 25/10/2023)

Laura discute a questão da liberdade ao não ter assinado um contrato de casamento e como isso pode gerar uma sensação de maior autonomia. No entanto, ela também aponta que essa liberdade pode resultar em uma maior probabilidade de "abandonar o navio" mais rapidamente e que a escolha de outros tipos de relacionamentos, como o poliamor, pode ser mais complexa e demandar maior equilíbrio.

Acho que as pessoas podem ter um senso de liberdade maior ao não ter assinado um papel falando que você tá comprometido, que você vai mudar seu nome, que você agora passa a ter uma certidão de nascimento nova. Sabe, eu acho que as pessoas tem mais liberdade ao que tange isso. E aí, com essa liberdade vem a possibilidade de abandonar o navio mais rápido, sabe? Eu conheço gente que tem vários parceiros, né? E aí é uma opção. Cada um tem a sua, que eu acho que não se encaixa, quando você pensa em casamento. Tipo, eu não acredito que existe casamento no poliamor, por exemplo. Um casamento num relacionamento aberto, sabe? Isso para mim já não é muito realístico. Porque as coisas começam a complicar. Com quem é que você vai se se amparar, sabe? São opções que a gente perde ao fazer a escolha pelo casamento. Para mim não faz diferença, mas tem gente que perde, né? (Laura, 27/10/2023)

As diferentes perspectivas apresentadas sobre formas alternativas de relacionamento em comparação ao casamento civil destacam variadas visões sobre compromisso, liberdade e responsabilidade. Ao considerar essas análises à luz das teorias sociológicas sobre instituições sociais, notamos que o casamento, historicamente, tem sido um pilar da estrutura social, refletindo não apenas vínculos afetivos, mas também expectativas culturais e normativas. A compreensão de Júlia sobre o casamento como um compromisso compartilhado, envolvendo resolução conjunta de problemas, reflete a concepção do casamento como uma instituição que

fomenta a evolução pessoal e conjunta. Por outro lado, as visões de Ana, Alice e Laura demonstram a diversidade de perspectivas diante das alternativas ao casamento, enfatizando questões de liberdade individual, pressões sociais e desafios emocionais associados a essas escolhas. Essa variedade de perspectivas ressalta a complexidade das relações afetivas e sua interseção com o contexto social, evidenciando que as escolhas relacionadas ao casamento e outras formas de vínculo são multifacetadas e influenciadas por uma interação complexa entre o indivíduo e o meio social em que está inserido.

As narrativas apresentadas por Júlia, Ana, Alice e Laura ecoam as discussões levantadas por autores como Beck-Gernsheim, Aboim, Giddens e Bauman sobre a natureza fluida e variável das relações humanas na contemporaneidade. As percepções divergentes sobre o casamento abordadas pelas entrevistadas refletem a influência das experiências familiares, das expectativas sociais e das crenças religiosas na construção de visões pessoais sobre essa instituição. A pressão social, as mudanças na dinâmica de gênero, a visão religiosa, a busca pela equidade nas relações e a experiência passada de separações são alguns dos elementos que moldaram as opiniões e atitudes em relação ao casamento delas. Essas perspectivas também refletem as mudanças decorrentes da individualização, onde os relacionamentos pessoais se tornam mais autônomos e flexíveis. A visão de um casamento como um contrato social, a banalização das uniões e a preocupação com a estabilidade emocional e social são fenômenos observados e discutidos na modernidade líquida de Bauman, onde as estruturas tradicionais estão sujeitas a constantes mudanças e desafios.

Em suma, as opiniões divergentes sobre o casamento apresentadas pelas entrevistadas refletem um panorama complexo e multifacetado, característico da sociedade contemporânea. Essas visões são influenciadas por uma interação complexa entre fatores individuais, sociais, culturais e estruturais, demonstrando que o casamento continua sendo uma instituição relevante, porém, sujeita a múltiplas interpretações e transformações na era da modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta norteadora dessa pesquisa foi: "Por que as mulheres ainda se casam?". Afim de responde-la, exploramos as perspectivas teóricas de autores como Saffioti, Butler, Federici, Beck-Gernsheim, Aboim, Giddens e Bauman e os relatos de quatro mulheres que planejam se casar. Mergulhamos na complexidade das experiências femininas diante das estruturas sociais, econômicas e de gênero. Também consideramos dados empíricos, como os índices de casamento, divórcio e união estável no Brasil, além de dados do Atlas da Violência.

Abordamos a temática do gênero e das relações sociais sob diferentes perspectivas teóricas, oferecendo uma compreensão sobre as complexidades inerentes ao fenômeno do gênero na sociedade contemporânea. Há um consenso entre os autores sobre a dinamicidade do gênero, sua historicidade e sua interseção com o poder, a cultura e as estruturas sociais. Beck-Gernsheim, Aboim, Giddens, Bauman e Federici, em suas respectivas obras, enfatizam a influência dos sistemas de poder, das instituições sociais e das práticas discursivas na construção e manutenção das disparidades de gênero.

Destaca-se a contribuição de Federici ao explorar a relação entre o advento do capitalismo e a perseguição às mulheres como bruxas na Idade Média. Ela demonstra como essa perseguição não foi apenas uma expressão de misoginia, mas uma estratégia crucial para impor relações sociais patriarcais e consolidar o capitalismo emergente. Essa análise histórica se conecta diretamente com dados contemporâneos, como o aumento na taxa de homicídios de mulheres em ambientes residenciais e a prevalência de casos de estupro, evidenciando a persistência da violência de gênero ao longo do tempo. A compreensão dessas raízes históricas da opressão feminina oferece uma lente para interpretar as estruturas de poder presentes na sociedade atual.

Além disso, as teorias de Giddens e Bauman sobre a transformação das relações íntimas na modernidade líquida ou modernidade reflexiva, ressaltam a importância da individualização e da busca por satisfação emocional nos relacionamentos, enquanto abordam as mudanças na fluidez e na fragilidade das relações humanas. As narrativas das entrevistadas ecoam essas visões, mostrando como a individualização impacta as percepções e práticas em torno do casamento na contemporaneidade. Por sua vez, Aboim contribui ao salientar que as mudanças sociais, embora direcionadas para a individualização nos âmbitos do amor, igualdade de gênero e produção/reprodução, não desmantelaram inteiramente as estruturas

sociais preexistentes. Ela ressalta que as mudanças sociais coexistem com as determinações sociais anteriores, demonstrando a complexidade das transformações sociais na contemporaneidade.

Uma fala comum entre todas as entrevistadas foi a menção da palavra companheirismo ao se referir a expectativa sobre o casamento vindouro. A constatação de que todas as entrevistadas expressaram a busca pelo companheirismo como uma expectativa central em relação ao casamento é significativa e pode ser analisada à luz das bases teóricas discutidas na pesquisa. Essa perspectiva pode ser vinculada principalmente às teorias de Giddens sobre as transformações nas relações íntimas na modernidade reflexiva. Ao introduzir o conceito de "relacionamento puro", ele destaca que as pessoas buscam relações não apenas por questões externas, como estabilidade econômica ou pressões sociais, mas pela satisfação emocional, no desejo de alcançar uma ligação emocional profunda. Esse aspecto se assemelha à busca pelo companheirismo, onde o foco não está apenas na instituição do casamento em si, mas na conexão emocional e na companhia proporcionada pelo parceiro.

Quanto ao nosso problema de pesquisa, dentre os principais resultados, destacam-se a persistência de estruturas patriarcais, a influência do capitalismo na organização dos relacionamentos, a valorização da liberdade individual e a contínua pressão social pela instituição do casamento. Afinal, como vimos anteriormente, as mudanças sociais, apesar de buscarem a individualização nos relacionamentos, igualdade de gênero e separação entre família e economia, não eliminaram completamente as estruturas sociais preexistentes. Elas se integram aos novos padrões sociais sem anular completamente os antigos, mostrando uma convivência entre elementos sociais antigos e novos.

A pesquisa oferece uma visão inicial e relevante das motivações das mulheres no contexto do casamento, evidenciando a complexidade das dinâmicas sociais e estruturais subjacentes a essa escolha. No entanto, trata-se de um primeiro passo exploratório, sugerindo a necessidade de investigações mais aprofundadas. Recomenda-se, para trabalhos futuros, a realização de estudos longitudinais e mais abrangentes, direcionados a analisar as mudanças sociais contemporâneas e suas influências na tomada de decisão das mulheres em relação ao casamento.

Referências bibliográficas

- Aboim, Sofia. 2006. *Conjugalidades em Mudança*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Aboim, Sofia. 2012. Do Público e do Privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 95-117, jan./abr.
- Bauman, Zygmunt. 2001. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Zygmunt. 2004. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Beck, Ulrich; Beck-Gernsheim, Elisabeth. 2017. *O Caos Totalmente Normal do Amor*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BRASIL. Emenda Constitucional nº 66, de 13 de julho de 2010. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 jul. 2010. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/51661/o-divorcio-apos-a-emenda-constitucional-n-66-2010>.
- Butler, Judith. 2018. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Federici, Silvia. 2017. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.
- Giddens, Anthony. 1991. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Giddens, Anthony. 1993. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Giddens, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- Gucht, Daniel. 1994. La religion de l'amour et la culture conjugal. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 97: 328-353.
- Haraway, Donna. 2004. Gênero para um dicionário marxista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 201-246.
- Hooks, Bell. 2018. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. São Paulo: Rosa dos Tempos.
- Hooks, Bell. 2021. *Tudo Sobre o Amor*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante.
- Lerner, Gerda. 2019. *A Criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix.
- Minayo, M. C. S. (org.). 1994. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – Rio de Janeiro, Vozes.

Rossi, Tulio. 2013. *Projetando a Subjetividade: a construção social do amor a partir do cinema*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

Saffioti, Heleieth. 1978. *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes.

Saffioti, Heleieth. 1995. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

Scott, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez.

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador: Diane Teixeira

Orientador: Túlio Cunha Rossi

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia

Título da Pesquisa: Por que as mulheres ainda se casam? Uma análise sociológica sobre a relevância do casamento heteronormativo na contemporaneidade

Prezada Participante,

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada "*Por que as mulheres ainda se casam? Uma análise sociológica sobre a relevância do casamento heteronormativo na contemporaneidade*" conduzida por Diane Teixeira, como parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal de Uberlândia.

Antes de concordar em participar, é importante que você compreenda completamente o propósito, os procedimentos e os possíveis riscos e benefícios desta pesquisa. Por favor, leia atentamente o seguinte Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, se você decidir participar, assine ao final como um sinal de que está dando seu consentimento voluntário.

Propósito do Estudo: O objetivo desta pesquisa é examinar as razões pelas quais as mulheres ainda optam por se casar em um contexto sociológico, analisando a relevância do casamento heteronormativo na sociedade contemporânea. Pretendemos compreender os fatores sociais, culturais e individuais que influenciam essa decisão.

Procedimentos da Pesquisa: Se você concordar em participar, você será convidada para uma entrevista. Durante a entrevista, você responderá a perguntas sobre suas opiniões, experiências e perspectivas relacionadas ao casamento heteronormativo. Suas respostas serão registradas para análise acadêmica.

Confidencialidade: Suas respostas serão tratadas de forma estritamente confidencial. Todos os dados coletados serão anonimizados, e quaisquer informações pessoais que possam identificá-la serão removidas antes da análise.

Riscos e Benefícios: Não se espera que esta pesquisa envolva riscos significativos para os participantes. No entanto, você pode se sentir desconfortável ao discutir suas opiniões pessoais sobre o casamento. Os benefícios potenciais incluem contribuir para um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais relacionadas ao casamento.

Participação Voluntária: Sua participação neste estudo é totalmente voluntária. Você pode optar por não participar ou pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalização.

Contato: Se você tiver alguma dúvida ou preocupação sobre o estudo, entre em contato comigo pelo email: dianeteixeira15@gmail.com para obter esclarecimentos adicionais.

Consentimento: Ao assinar abaixo, você confirma que leu e entendeu as informações fornecidas neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concorda em participar voluntariamente da pesquisa.

_____ Assinatura do participante	Data: ____ / ____ / ____
_____ Assinatura do Pesquisador	Data: ____ / ____ / ____
_____ Assinatura do Orientador	Data: ____ / ____ / ____

Este termo é uma manifestação de nosso compromisso em garantir que sua participação na pesquisa seja informada, voluntária e protegida. Agradecemos sinceramente por considerar contribuir para este estudo e por sua valiosa colaboração.

ANEXO II- ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Introdução:

- Cumprimentar a entrevistada e agradecer por sua participação.
- Explicar o objetivo da pesquisa.
- Garantir a confidencialidade das respostas e informar que os dados coletados serão usados apenas para fins acadêmicos.

Parte 1: Dados Demográficos

1. Nome (opcional):
2. Idade:
3. Estado civil atual:
4. Nível de educação:
5. Ocupação atual:
6. Renda:
7. Religião:

Parte 2: Experiência de Casamento ou Planos Futuros

1. Você está atualmente casada ou planeja se casar em breve?
2. Se você é casada, há quanto tempo se casou?
3. Quais foram as principais razões que a levaram a decidir se casar ou planejar o casamento?

Parte 3: Percepções sobre o Casamento

1. Como você percebe o casamento atualmente?
2. Você acredita que o casamento ainda é importante? Por quê?
3. Você sente alguma cobrança social, familiar ou de amigos, com relação ao casamento?
Qual?

Parte 4: Motivações e Expectativas

1. Quais são as principais motivações que a levaram a considerar o casamento ou a se casar?
2. Que expectativas você tem em relação ao seu casamento ou ao casamento em geral?
3. Como você enxerga o papel das mulheres no casamento em relação às questões de gênero?

Parte 5: Influência dos Pais e Modelos de Casamento

1. Qual é a profissão e formação de seus pais?
2. Você poderia compartilhar um pouco sobre o estado civil de seus pais? Eles são casados, separados, divorciados ou nunca se casaram?
3. Como o relacionamento de seus pais influenciou sua visão sobre o casamento?
4. Você acredita que os modelos de casamento que observou em sua família afetaram sua decisão de se casar ou planejar o casamento?
5. Quais valores ou tradições de casamento seus pais transmitiram para você?
6. As experiências de seus pais em seus casamentos, se aplicável, desempenharam um papel nas expectativas que você tem em relação ao seu próprio casamento?
7. Você acredita que existem semelhanças ou diferenças significativas entre as expectativas de casamento de sua geração e as de seus pais?

Parte 6: Desafios e Mudanças na Sociedade

1. Você acha que a percepção e a prática do casamento mudaram ao longo do tempo? Se sim, de que forma?
2. Quais são os desafios que as mulheres enfrentam no contexto do casamento atualmente?
3. Como você acredita que o casamento afeta sua autonomia e independência como mulher?

Parte 7: Alternativas ao Casamento

1. Você já considerou outras formas de relacionamento ou convivência que não envolvem o casamento civil? Quais?
2. Quais são as vantagens e desvantagens, na sua opinião, de optar por outras formas de relacionamento em vez do casamento?

Parte 8: Reflexões Finais

1. Existe alguma mensagem ou conselho que você gostaria de compartilhar com outras mulheres que estão considerando o casamento ou que estão atualmente casadas?

Conclusão:

- Agradecer novamente pela participação na entrevista.
- Oferecer a oportunidade de acrescentar qualquer informação adicional que a entrevistada julgue relevante.
- Garantir a confidencialidade dos dados e informar sobre a análise subsequente dos resultados.